



Simmel, Durkheim e Mauss: nascimento frustrado da sociologia europeia¹

Christian Papilloud²

Tradução: Tiago Magaldi Granato Silva³

Resumo: A abordagem socio-filosófica de Georg Simmel se inscreveu e foi concebida no interior de uma relação com a França e, em particular, com Émile Durkheim. Em que medida Mauss esteve a par dos trabalhos de Simmel, e como os interpretou? Para melhor entender essas questões, propomo-nos a esboçar uma reconstrução das relações entre os três pensadores. Nossa leitura interliga a vida dos autores e suas concepções de sociologia a um momento crucial do nascimento da disciplina: o de sua entrada na universidade, na qual ela procura se afirmar enquanto ciência do homem. Utilizaremos, para tanto, elementos biográficos, correspondências e documentos relacionados aos grupos de pesquisadores com os quais Simmel, Durkheim e Mauss estiveram em contato.

- 1 [A presente tradução foi realizada com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. Agradeço igualmente a Felipe Rangel e Ramon Chaves, cujos comentários à primeira versão desta tradução certamente beneficiarão os leitores. A propósito, estes notarão que o autor do artigo mobiliza enorme massa bibliográfica. No texto original, as obras estão, em sua maioria, referenciadas em notas de rodapé e não ao final do texto. Deixei intactas apenas as notas que traziam comentários adicionais; todas as outras foram transpostas para as referências bibliográficas ao final do artigo. O texto do qual se origina esta tradução foi publicado em Papilloud, Christian. Simmel, Durkheim et Mauss. Naissance ratée de la sociologie européenne. *Revue du MAUSS*, n. 20, 2002/2, pp. 300-327].
- 2 Titular da Cátedra de Sociologia Geral - Martin-Luther –Universität Halle-Wittenberg – christian.papilloud@soziologie.uni-halle.de
- 3 PPGS-UFSCar / Laboratório de Estudos sobre Trabalho, Profissões e Mobilidades da UFSCar (LESTM-UFSCar) São Carlos – Brasil – tmgranato@gmail.com – <https://orcid.org/0000-0001-7498-0492>

Palavras-chave: Georg Simmel; Émile Durkheim; Marcel Mauss; sociologia científica; história da sociologia; relação humana.

Simmel, Durkheim and Mauss: poor beginning of European sociology

Abstract: *Georg Simmel's socio-philosophical approach was inscribed and conceived within a relationship with France, and, in particular, with Émile Durkheim. To what extent was Mauss aware of Simmel's works, and how did he interpret them? To better understand these questions, we propose to outline a reconstruction of the relations between the three thinkers. Our approach links the lives of the authors and their conceptions of sociology to a crucial moment in the birth of the discipline: the time of its entry into the university, where it seeks to assert itself as a science of man. For this purpose, we will use biographical elements, correspondence and documents related to the groups of researchers with whom Simmel, Durkheim and Mauss were in contact.*

Keywords: *Georg Simmel; Émile Durkheim; Marcel Mauss; scientific sociology; history of sociology; human relation.*

Simmel, Durkheim y Mauss: el nacimiento frustrado de la sociología europea

Resumen: El enfoque socio-filosófico de Georg Simmel se inscribe y concibe en una relación con Francia, y en particular con Émile Durkheim. ¿Hasta qué punto conocía Mauss las obras de Simmel y cómo las interpretó? Para comprender mejor estas cuestiones, nos proponemos esbozar una reconstrucción de las relaciones entre los tres pensadores. Nuestra lectura vincula la vida de los autores y sus concepciones de la sociología con un momento crucial del nacimiento de la disciplina: su entrada en la universidad, en la que pretende afirmarse como ciencia del hombre. Para ello, utilizaremos elementos biográficos, correspondencia y documentos relacionados con los grupos de investigadores con los que Simmel, Durkheim y Mauss estuvieron en contacto.

Palabras clave: Georg Simmel; Emile Durkheim; Marcel Mauss; sociología científica; historia de la sociología; relación humana

A abordagem socio-filosófica de Georg Simmel⁴ se inscreveu e foi concebida no interior de uma relação com a França e, em particular, com Émile Durkheim⁵. Em que medida Mauss esteve a par dos trabalhos de Simmel, e como os interpretou? Para melhor entender essas questões, propomo-nos a esboçar uma reconstrução das relações entre os três pensadores.

Nossa leitura interliga a vida dos autores e suas concepções de sociologia a um momento crucial do nascimento da disciplina: o de sua entrada na universidade, na qual ela procura se afirmar enquanto ciência do homem. Utilizaremos, para tanto, elementos biográficos, correspondências e documentos relacionados aos grupos de pesquisadores com os quais Simmel, Durkheim e Mauss estiveram em contato⁶.

Durkheim e Simmel: o nascimento da sociologia científica em torno de uma colaboração fracassada

Durkheim e Simmel são contemporâneos. Ambos nascem em 1858 e morrem quase ao mesmo tempo (Durkheim em 5 de novembro de 1917, Simmel em

-
- 4 Agradecemos ao *Collège de France*, detentor do Fundo Mauss-Hubert, que cordialmente autorizou a publicação deste texto. Nossos agradecimentos particulares ao sr. Gilbert Dagron, administrador do *Collège de France*, ao sr. Pierre Bourdieu, à Sra. E. Maury, arquivista do *Collège de France*, à sra. M.-R. Cazabon, diretora da Biblioteca Geral e dos Arquivos do *Collège de France*, e à sra. F. Terrasse Riou, responsável pelo Setor Cultural e de Relações Exteriores do *Collège de France*. Agradecemos a Otthein Rammstedt por nos autorizar a publicação deste artigo, inicialmente publicado em sua revista, a *Simmel Newsletter*, sob o título “*Simmel, Durkheim, Mauss. La sociologie entre l’Allemagne et la France. Fragments d’une co-nnaissance*” (Papilloud, 1999). No presente artigo, modificamos ligeiramente o texto, de modo a melhor corresponder às necessidades desta publicação. A bibliografia da literatura secundária é dada nas notas de rodapé. A bibliografia das obras de Simmel atualmente disponíveis (notadas por GSG: *Georg Simmel Gesamtausgabe*), as traduções francesas de Simmel e as obras de Mauss são indicadas no final do artigo.
- 5 Notemos aqui as duas obras de W. Lepenies que tratam do nascimento da sociologia, e marcadamente sobre as relações entre intelectuais franceses e alemães: “*Gefährliche Wahlverwandtschaften. Essays zur Wissenschaftsgeschichte*”. Stuttgart: Reclam, 1989 (ver em particular pp. 80-110); e “*Die drei Kulturen. Soziologie zwischen Literatur und Wissenschaft*”. Hambourg, Rowohlt, 1988.
- 6 Para Durkheim e Mauss, faremos referência aos trabalhos de Ph. Besnard (1976), M. Fournier (1994), Ph. Besnard e M. Fournier (1998); bem como a elementos e correspondências encontrados no Fundo Hubert-Mauss do *Collège de France*. Quanto a Simmel, utilizaremos as memórias de H. Simmel (1941-1943), a obra de L. Coser (1977), K.-Ch. Köhnke (1996), M. Junge (1997), K. Lichtblau (1997), G. Fitzi (1999), bem como a correspondência de Simmel e os documentos dos arquivos da *Georg Simmel Gesellschaft* da Universidade de Bielefeld. Servir-nos-emos igualmente de elementos de correspondência recolhidos em Bielefeld que fazem parte do Fundo Bouglé da Biblioteca Nacional de Paris e do Fundo Xavier Léon da Biblioteca Victor Cousin, da Sorbonne, em Paris. Para informações detalhadas sobre as relações entre Simmel e os sociólogos franceses, voltar-nos-emos para a introdução ao tomo 19 das obras completas de Georg Simmel, que nós editamos juntamente com Angela Rammstedt e Patrick Watier, e que acabou de ser publicada pela Suhrkamp (GSG 19, 2002, pp. 379-421).

26 de setembro de 1918). Os contatos entre os dois, iniciados em 1894⁷, ocorreram a princípio por intermédio de Célestin Bouglé.

Bouglé exerce um papel importante nas relações entre Simmel e Durkheim por, pelo menos, duas razões: primeiramente, Bouglé conheceu Simmel antes de Durkheim, em fevereiro de 1894⁸. Essa aproximação ocorre pouco tempo após Simmel ter tido contato com o *Institut international de sociologie*, de René Worms, do qual ele se tornará membro⁹. Em segundo lugar, Bouglé publica, em 1894, a primeira resenha sobre Simmel na França, sob o título “*Les sciences sociales en Allemagne: G. Simmel*”¹⁰. Nela, o autor comentará as obras *Über soziale Differenzierung* (GSG 2, 1989 [1890]), *Die probleme der Geschichtsphilosophie* (GSG 2, 1989 [1892]) e *Einleitung in die Moralwissenschaft* (GSG 3, 1989 [1892/1904]; GSG 4, 1989 [1893]).

Estas duas razões são suficientes para considerar Bouglé como uma espécie de ponte a intermediar as trocas entre Simmel, Durkheim e os durkheimianos em geral. Mas em que condições ocorreram tais trocas? Começemos por descrever os laços então existentes entre Simmel e o grupo de pesquisadores representado por René Worms.

7 Até onde sabemos, Durkheim cita Simmel pela primeira vez em 1887, em seu artigo “*La Philosophie dans les universités allemandes*” (Durkheim, 1887). Ele conhecia *Über soziale Differenzierung* [N.T.: Da diferenciação social, em tradução livre], tendo-o citado em sua tese de doutorado (*De la division du travail social* [1893][p. 9, note 1, 1996 para a edição francesa PUF/Quadrige]).

8 Bouglé, que acabara de chegar da França e desejava assistir aos cursos de Simmel, recebeu deste uma carta em 4 de março de 1894 lhe indicando as datas das aulas e agradecendo a cordial mensagem do primeiro. Em abril e maio, Bouglé encontrará o alemão em Berlim. Em maio, Bouglé pergunta a Halévy se ele teria um espaço para um artigo de Simmel, “*Das Problem der Soziologie*”, na *Revue de métaphysique et de morale*: “O que você me diz? Haveria um espaço (que seja bom) no número de setembro? Não se trata de metafísica propriamente dita, sem dúvida, mas a nova definição não é tão boba assim. E além disso é bastante atual” (Carta a Halévy, maio de 1894, arquivos Simmel). Halévy lhe responde com entusiasmo em 9 de maio de 1894. Bouglé então traduz o artigo de Simmel para a revista. O artigo será publicado finalmente em setembro, n. 2 da revista (1894, pp. 497-504) sob o título: “*Le problème de la sociologie*”.

9 Simmel foi traduzido e publicado em francês por Worms (“*La différenciation sociale*”, publicado no n. 2 da *Revue internationale de sociologie*, 1894, pp. 198-213). Ele é mencionado na “Lista de membros do Instituto”, no n. 1 dos *Annales de l’Institut international de sociologie* (1893-1895: XIV). No momento da publicação do primeiro número da revista o instituto é composto das seguintes personalidades: A. Schaeffle é o presidente, é próximo de Simmel e um de seus inspiradores; D Galton, L. Gumplowicz, M. Kovalevsky e C. Letourneau são os vice-presidentes; R. Worms é o secretário geral.

10 Esta resenha foi publicada no n. 2 da *Revue de métaphysique et de morale* (pp. 329-355). Ao mesmo tempo, Bouglé prepara a publicação de suas “*Notes d’un étudiant français en Allemagne*” (1895). Elas serão publicadas sob o pseudônimo de Jean Breton pela editora Calmann-Lévy de Paris, em volume único. Mas os artigos tirados destas notas aparecerão a partir de junho de 1894, na *Revue de Paris* (1894: 49-79). Sobre todos estes pontos, ver a tese já citada de Fitzi (1999: 12).

Simmel e o *Institut international de sociologie*

Não foram boas as relações de Simmel com o *Institut international de sociologie*. O pensador alemão se decepcionou com a tradução de seu primeiro artigo publicado em francês, “*La différenciation sociale*”¹¹, que Worms publica na *Revue Internationale de sociologie*. Acreditando Simmel que a tradução de Worms deformava o seu pensamento, ele pede a Bouglé que revise a versão francesa do segundo artigo que está preparando (“*Influence du nombre des unités sociales sur les caracteres des sociétés*”, 1893-1895), destinado à revista do próprio Worms, a *Annales de l’Institut international de sociologie*. Mais tarde, ele comunicará a Bouglé sua decepção quanto à demora na publicação do primeiro número dos *Annales*: “Meu artigo sobre a *détermination numérique* [escrito em francês na carta] (...) está em mãos do senhor Worms, como ele me anunciou. Desde então, não soube mais dele. Não posso esconder que o adiamento da publicação (que deveria ter acontecido em janeiro!) me incomodou bastante, e as razões que o Instituto me deu pareceram pouco sólidas. Peço-lhe que não faça uso desta minha opinião” (Carta de Simmel a Bouglé de 22 de junho de 1895, arquivos Simmel).

Após seguidas decepções, Simmel se afasta do Instituto e aprofunda os laços com a *Revue de métaphysique et de morale*¹². Uma vez mais, é Bouglé quem intermedia a relação. Em abril e maio de 1894, ele escreve a Halévy: “Lembremos dos truques com os quais Worms jogou com Simmel, para nos precavermos de não fazer o mesmo” (Halévy, 1894: 142). Esta passagem pela *Revue de métaphysique et de morale* está na origem do encontro com Durkheim.

O encontro com Durkheim e a *Année sociologique*

A posição de Bouglé acumulava vantagens estratégicas para as relações que Simmel mantinha com os intelectuais franceses. Bouglé era filósofo e durkheimiano; um pouco à imagem de Simmel, ele se equilibrava entre a filosofia e a sociologia. Isso favorecerá os contatos que o alemão terá com Xavier León e, em seguida, com o próprio Durkheim.

Bouglé mantinha com Durkheim relações marcadas por um triplo distanciamento: em primeiro lugar, o existente entre aluno e professor; em seguida,

11 Cf. G. Simmel, 1894, “*La différenciation sociale*”, *Revue internationale de sociologie*, n. 2, pp. 198-213. O artigo foi tirado do livro de Simmel *Über soziale Differenzierung. Sociologische und psychologische Untersuchungen* (GSG 2, 1989 [1890]).

12 Simmel escreve duas vezes a Xavier León no espaço de dez dias, de 5 a 15 de outubro de 1894 (arquivos Simmel).

aquele entre colegas; por fim, o distanciamento entre o filósofo e o sociólogo. Como Simmel, Bouglé recusa a separação entre os diferentes domínios da ciência, notadamente entre a sociologia, a psicologia e a filosofia. Durkheim, ao contrário, é favorável a ela. É provável que, em um primeiro momento, a posição de Bouglé possa ter deixado no ar certa dúvida entre Simmel e Durkheim quanto às suas respectivas abordagens teóricas e suas concepções da sociologia. Se acrescentarmos a isso o evidente desejo de colaborar – bem mais intenso da parte de Simmel –, e a vontade comum de “fazer ciência”, podemos então compreender o porquê de ambos terem rapidamente colocado de lado suas diferenças teóricas e somado esforços na construção de uma sociologia universitária internacional.

Em Simmel, essa atitude se manifesta com bastante clareza em 1894, com a publicação de seu artigo “*Das Problem der Soziologie*” em três línguas: em alemão, no *Schmollers Jahrbuch* (1894a); em francês, na *Revue de métaphysique et de morale* (1894c); e em inglês, nos *Annals of the American Academy of Political and Social Science* (1895). O texto será republicado em seguida na primeira edição do *American Journal of Sociology*, em 1896, editada por Albion Small. Durkheim pretendia igualmente publicar o artigo no primeiro número de *L'Année sociologique*¹³, mas isto terminará por não acontecer.

O incidente incomoda. Ele aborda a questão em uma carta enviada a Bouglé em 27 de novembro de 1895: “Se a minha leitura estiver correta, vocês não preveem a publicação suplementar do meu ‘*Problème de la sociologie*’; isto me entristece, porque para mim este pequeno artigo é o que de mais fecundo já produzi” (carta de Simmel a Bouglé, 27/11/1895, arquivos Simmel). Simmel acreditava ter calibrado ali o programa de uma sociologia científica; mas os franceses pareciam ter dificuldades para reconhecer nele um verdadeiro trabalho de sociólogo. Reinava uma ambiguidade a respeito de Simmel que pode ser notada já na correspondência entre Bouglé e Xavier León. Este último escreve a Bouglé em 9 de maio de 1894, dizendo que toma Simmel não somente por sociólogo, mas também enquanto um verdadeiro filósofo. Simmel era, então, percebido pelos franceses como representando dois domínios do saber simultaneamente.

13 A *L'Année sociologique* é o grande projeto de Durkheim. Fournier descreve seu nascimento assim: “Inspirando-se no modelo da revista *L'Année psychologique* dirigida por Binet e publicada pela primeira vez em 1895 pela editora Alcan, Durkheim pretende publicar os trabalhos (“memoriais originais”) de seus colaboradores e comentar anualmente a literatura sociológica internacional. O título da revista é tomado de uma das seções anuais da *Revue de métaphysique et de morale*, que havia sido fundada em 1893 por Xavier León, o ‘filósofo sociável por excelência’, como o chamava Célestin Bouglé” (Fournier, 1994: 134-135).

Durkheim também terá dificuldades em ver em Simmel um sociólogo, mas suas razões são diferentes. O ponto de discórdia entre os dois autores se encontra na dupla relação indivíduo-sociedade/psicologia-sociologia. Tal ponto é debatido na França pouco depois da publicação do artigo de Simmel (“*Das problem der Soziologie*”). Nesse momento, Durkheim pretendia apagar todos os traços da psicologia individual na sociologia, para afirmar que não haveria psicologia que não fosse coletiva. Em seu artigo, Simmel escreverá que o problema não deve ser colocado nesses termos. O que importa para ele, antes de tudo, é a distinção entre o social, o psicológico, o filosófico etc. Ponto nodal na relação Simmel-Durkheim, esse artigo põe em evidência duas maneiras diferentes de definir o objeto da sociologia, e, conseqüentemente, o método e a legitimidade científica da disciplina. O objeto de estudo do sociólogo é, para Durkheim, o fato social *em si*, enquanto, para Simmel, a dimensão social do fato seria *um* de seus aspectos, dentre outros possíveis. Essa nuance vai progressivamente ganhar a amplitude de uma divergência fundamental, que desaguará no desacordo final entre os dois. Mas Durkheim não chega a essa conclusão imediatamente, como o atesta sua correspondência.

Durkheim escreve a Bouglé em 14 de dezembro de 1895: “Li com vivo interesse, ou antes reli, porque tenho seguido os seus artigos da *Revue de métaphysique*. Além disso, pude constatar como ele é apreciado por todo o mundo, como bem o merece. É um trabalho que não deixa de nos honrar bastante no outro lado do Reno; e, ao mostrar aos alemães com que cuidado e simpatia nós os estudamos, ele poderá, talvez, levá-los a se desinteressar menos pelo que fazemos” (Besnard, 1976: 166). Durkheim faz referência ao livro de Bouglé “*Les sciences sociales en Allemagne. Les méthodes actuelles*”¹⁴, que continha um capítulo intitulado “*G. Simmel: la Science de la morale*”. Após o haver lido, Durkheim explica a Bouglé que sua posição teórica é diferente daquela de Simmel. Mas isso não parece representar maiores obstáculos à colaboração pretendida. Ele diz a Bouglé em dezembro de 1896: “Escrevi a Simmel, que me respondeu e aceitou. Ele me enviará um artigo de 40 a 50 páginas intitulado ‘*Die Selbsterhaltung der*

14 Há aqui uma divergência nas fontes a ser sublinhada. O livro de Bouglé foi publicado em 1896, mas Durkheim já o havia lido em 1895. Teria existido um exemplar prévio à publicação? Nós tendemos para esta hipótese, pois é bastante provável que Bouglé tenha enviado seu livro a Durkheim antes da edição. A hipótese é reforçada pelo fato de que sabemos que Simmel também recebeu a obra antecipadamente, como parece atestar a carta seguinte de 22 de junho de 1895 a Bouglé: “Espero que o senhor tenha recebido a tempo os agradecimentos de minha mulher pelo amigoso envio de vosso livro. Eu fiz exatamente a mesma coisa com vários de meus conhecidos, Paulsen por exemplo, e ele [o livro de Bouglé] foi reconhecido de modo geral como agradável e espiritualmente rico” (Carta a Bouglé, arquivos Simmel)

Gesellschaft. Para os anos seguintes, veremos” (1975: 394). Para bem avaliar a importância desta carta, precisamos antes entender seu contexto.

Simmel manteve relação estreita com Élie Halévy e Xavier Léon durante os anos de 1894-1896. Em 23 de fevereiro de 1896, ele agradece Halévy pela tradução de um de seus artigos, cujo título em francês é “*Sur quelques relations de la pensée théorique avec les intérêts pratiques*”¹⁵. O artigo é publicado na *Revue de métaphysique et de morale* em março de 1896 (Simmel, 1896). Ele deve ter chamado a atenção do público francês, pois Simmel escreve a Xavier Léon no mesmo ano: “É uma grande alegria para mim saber que meu artigo foi notado na França” (Carta a Xavier Léon de 12 de abril de 1896, arquivos Simmel). Não há dúvida de que não passou despercebido a Durkheim o crescimento do prestígio do colega do além-Reno, ainda mais levando-se em conta a importância, nesta época, do pensamento alemão para o francês. A partir de então, Simmel passa a poder servir ao projeto de estabelecer uma revista especificamente sociológica, *L'Année sociologique*, e assim assegurar a legitimidade científica e institucional da sociologia. Durkheim apresenta este horizonte a Simmel e lhe pede para que colabore no periódico.

A carta em que encontraríamos estes elementos está hoje perdida. Resta-nos aquela citada acima, de Durkheim a Bouglé, em que ele menciona que Simmel respondeu afirmativamente ao seu pedido. O artigo de Simmel é publicado no primeiro número de *L'Année sociologique* – e ele o abre – sob o título “*Comment les formes sociales se maintiennent*”¹⁶ (Simmel, 1898). O ardor com que Simmel se atira ao trabalho intelectual neste momento testemunha seu entusiasmo e seu desejo de ser parceiro de Durkheim¹⁷. Mas seu ímpeto será bruscamente interrompido, mais uma vez em razão de problemas ligados à tradução. Este será um dos principais elementos que desencadearão o conflito entre os dois autores. Para compreendê-lo, devemos retomar o caminho que leva à produção do artigo e à sua publicação.

15 [N.T.: embora afirme, nesta passagem, que o tradutor do referido artigo de Simmel foi Elie Halévy, o autor indica nas referências bibliográficas o tradutor como Celestin Bouglé].

16 Para o texto original, cf. Simmel, 1898b.

17 Nós seguimos aqui o proposto por Rammstedt: “Simmel considerava ‘*Selbsterhaltung der Gesellschaft*’ como programático para a *L'Année sociologique*, na medida em que o artigo se propunha a ‘estudar (metodologicamente) o conjunto do domínio da História conforme as regularidades e os desenvolvimentos da sociedade enquanto tal’. Imaginando-se enquanto uma espécie de ‘companheiro de luta’ de Durkheim, ele se pôe a escrever, logo após a redação deste estudo – a saber, a partir de agosto de 1897 – sua ‘*Soziologie der Religion*’, que foi publicada em fevereiro de 1898 na revista *Neue Deutsche Rundschau*” (Rammstedt, 1998: 142).

Da diferença à divergência

Antes mesmo que o artigo de Simmel chegasse, Durkheim procurava classificá-lo em uma das seções de *L'Année sociologique*. No entanto, ele vai se deparar com uma sociologia que se furta àquela classificação e, conseqüentemente, à maneira por meio da qual o próprio Durkheim categoriza o domínio do saber sociológico. Ele o diz explicitamente a Bouglé, a quem recorre para encontrar uma solução: “Será que chama-lo de ‘Sociologia psicológica’ abarca bem as ideias de Simmel? Ele tem, me parece, um vislumbre da especificidade dos fatos sociais, mas não vai até as últimas conseqüências de suas ideias, o que o leva a se demorar em generalidades. Talvez possamos adotar como título da seção ‘Sociologia psicológica e específica’. Mas você é o único competente para decidir sobre este ponto” (Bernard, 1976: 399).

Na verdade, o problema de classificação mascara o problema teórico que separa Durkheim e Simmel, surgido em meados de 1897. Durkheim o expõe desta maneira ao fim de sua carta a Bouglé: “Você já deve ter bem compreendido que todo este debate é para saber não se há uma sociologia extra-psicológica, mas se a psicologia coletiva apresenta leis próprias. A própria palavra ‘psicologia’ possui uma ambigüidade que impede os autores de chegarem a um acordo, mesmo estando próximos. Assim, embora Simmel, creio eu, perceba a especificidade dos fatos sociais, ele não leva isto até as últimas conseqüências, porque o psíquico lhe parece ser a forma última do real, e assim ele não vê que existem dois tipos de realidades psíquicas. É por isso que ele qualifica a sua sociologia de psicologia. Mas esta sociologia psicológica é bem diferente daquela de Tarde, que dissocia o social do individual generalizado. Esta confusão certamente deveria acabar. Você está bem posicionado para tanto, e a este respeito o termo de ‘psicologia específica’ que você explicaria no correr de sua análise seria útil. Acredito que este seria um grande serviço de sua parte. Não somente você facilitaria um eventual entendimento, mas também ajudaria, talvez, certos pensadores a reconhecê-lo no interior de seu pensamento” (Durkheim, 1975: 402). Esta questão geral do estatuto da sociologia de Simmel se tornará ainda mais aguda com a chegada de seu artigo às mãos de Durkheim.

O artigo destinado à *L'Année* chega em 13 de setembro de 1897. Durkheim escreve a Bouglé no mesmo dia: “Recebi esta manhã o manuscrito de Simmel. Já li uma boa metade do manuscrito. Devo dizer que está bem legível. Não foi escrito pela mão de Simmel e, além disso, está em caracteres latinos. Embora se possa julgar diferentemente, creio que não será difícil de traduzir. Em si mesmo, o trabalho é interessante. Ele tem, como todos os trabalhos muito generalistas

do tipo, o problema de ser toda uma sociologia em cinquenta páginas, com o tanto de coisas pelas quais ele passa. Mas ele é vívido, de leitura agradável e se insere muito bem na tendência geral da *L'Année*" (Besnard, 1976: 167). A primeira reação de Durkheim é, portanto, positiva. Mas não durará muito.

O artigo lhe parece longo demais. Sua estrutura não se adapta bem ao estilo da *L'Année sociologique*. Durkheim pede a Bouglé para encontrar uma solução: "Eu lhe envio o manuscrito de Simmel. [...] Creio que o artigo ganhará se for condensado na medida do possível, e tudo o que puder ser feito na tradução para caminhar para este resultado, sem alterar de qualquer maneira o texto, aumentará, creio, o interesse. O título me parece, como está, intraduzível para o francês. Eu havia pensado em '*Principaux types d'organisation par lesquels se maintient l'unité des groupes sociaux*'. Se encontrar algo melhor, diga-me, e quando encontrarmos a tradução definitiva eu a submeterei ao autor. As divisões em capítulos – com ou sem subtítulos – me parecem indispensáveis. Elas serão fáceis de encontrar. Se isto não o entediar demais, peço que as introduza; senão, eu mesmo o farei. A fim de economizar tempo, seria bom que você me enviasse a tradução por partes, mesmo antes de a ter terminado completamente. Assim será mais fácil tanto acordarmos sobre a divisão dos capítulos quanto enfrentarmos a tradução das partes mais difíceis" (carta a Bouglé de 18 de setembro de 1897 [Durkheim, 1975: 407-408]). É forçoso constatar, em razão desta carta, que o desafio para Durkheim não consistia apenas em inserir o artigo de Simmel na *L'Année*: era necessário também que o proposto se adaptasse bem.

Bouglé envia as correções a Simmel, que lhe responde imediatamente, transmitindo sua decepção face ao fato de ter de reduzir o texto: "A correspondência chegou bem. Muito obrigado. A redução do artigo me entristece, uma vez que sua proposta não se encontrava nas particularidades, mas, pelo contrário, no todo, e é isso que se trata de mostrar, a saber, a variedade de manifestações históricas que se agrupam em torno de um pensamento sociológico central. Eu não poderei ler agora a vossa tradução, mas o sr. Durkheim me garantiu a possibilidade de fazer uma correção da impressão, à qual eu poderei então acrescentar eventuais sugestões de modificação" (carta a Bouglé de 11 de outubro de 1897, arquivos Simmel). Simmel não está contente com a situação, mas executa o solicitado e realiza os cortes necessários no artigo – mais uma maneira de demonstrar sua vontade de colaborar com Durkheim.

Tudo isso não surpreende em nada Durkheim, que não vê mais que o desenvolvimento lógico tanto do processo de publicação, quanto, poderíamos dizer, da filiação progressiva de Simmel ao seu próprio programa científico. Assim, escreve ele a Bouglé: "Não comentarei aqui das pequenas dificuldades que tive

com Simmel sobre o artigo. Creio que elas já foram aplainadas” (Besnard, 1976: 168). Durkheim retoma então a tradução do artigo revisto e corrigido por Simmel. Em 25 de outubro de 1897, ele escreve a Bouglé: “Já traduzi metade do Simmel; acredito que não vá levar mais de 40 ou 45 páginas de impressão no total. A passagem sobre a honra desapareceu. Faço o possível para introduzir um pouco de ar em tudo aquilo, ainda mais porque a complexidade das frases não está de acordo com a complexidade da ideia mesma, que é, ao contrário, bastante simples” (Besnard, 1976: 413). Durkheim não se contenta apenas com a correção do texto de Simmel; ele o traduz livremente, não hesitando em suprimir certas passagens¹⁸. Para o francês, o primeiro número de *L'Année* deveria não apenas demarcar claramente os fundamentos científicos da sociologia, mas também demonstrar explicitamente a unidade e o consenso dos pesquisadores sobre o programa nela apresentado.

Para Durkheim, a sociologia é e deve ser uma disciplina inteiramente específica. Ele o reafirma frequentemente aos seus colaboradores próximos durante os primeiros passos da *L'Année*. Em 30 de março de 1898, ele escreve a Hubert: “Mas aqui vai a razão maior que nos impõe uma certa seleção formal [ilegível] ao mesmo tempo que o princípio desta seleção, até onde consigo enxergar. Nós somos uma revista de sociologia, não uma revista [de amadores?]. Portanto, devemos destacar apenas os trabalhos que nos parecem suscetíveis de serem utilizados por sociólogos. A linha de demarcação é necessariamente fluida; mas ela se fixará sem maiores dificuldades com a experiência” (Fundo Hubert-Mauss, *Collège de France*). A sociologia deveria reunir a competência dos pesquisadores capazes de se filiar a um projeto único. Compreendemos assim que, para Durkheim, não poderia haver duas sociologias. Não deve existir nada que não a sociologia como disciplina científica, caracterizada por um objeto, um método e um trabalho de equipe calcado sobre um consenso quanto aos critérios científicos legítimos da disciplina, mesmo que este consenso seja, na prática, relativo. A sociologia de Simmel não corresponde a essas condições, porque ela não defende a mesma definição do objeto e do método sociológicos que Durkheim – sem falar no trabalho de equipe, inexistente no alemão.

A relação entre Simmel e Durkheim se complicará ainda com as incompreensões suplementares que decorrem do caso Dreyfus. O célebre caso, que vai

18 Durkheim suprimirá, particularmente, o parágrafo sobre a honra, que se estendia por mais duas páginas e meia. Essa prática de “amputar” passagens inteiras é corrente em Durkheim. Ela é, por isso, conhecida de seus colaboradores, alguns dos quais se mantêm céticos (Hubert, por exemplo) quanto à sua necessidade imperiosa. Durkheim evoca sempre os mesmos argumentos para se justificar: sua experiência e o bem da *L'Année sociologique*.

mobilizar a opinião pública francesa, começa em 1894 com a prisão do oficial judeu Alfred Dreyfus, condenado pelo Conselho de Guerra francês por supostamente ter entregado documentos secretos à Alemanha. Deportado para uma fortaleza prisional, Dreyfus afirma sua inocência, mas em vão. Nos anos de 1897-1898, o caso volta à tona e ganha força entre os socialistas franceses, dentre os quais Durkheim tem pessoas próximas – notadamente seu sobrinho, Marcel Mauss. Mas, diferentemente de um Zola, por exemplo, Durkheim não se envolve com a questão. De um lado, ele mantém a discrição por motivos de estratégia político-científica; de outro, por convicção: se não é possível à sociologia existir sem ligações com a política, ela é antes de tudo uma ciência, e uma ciência em pleno desabrochar. Essa distância do caso Dreyfus por parte de Durkheim, relativa, mas consciente, terá repercussões em sua relação com Simmel.

No texto que Simmel preparava para a *L'Année*, havia um parágrafo sobre o sionismo. Durkheim pede ao autor que o suprima, uma vez que julgava que a passagem poderia ter más consequências tanto para o autor quanto para a revista. Simmel o faz, mas não sente a necessidade de dizer a Durkheim que é judeu¹⁹. Durkheim fica sabendo disto por Bouglé algum tempo depois e exprime sua surpresa: “Lembro-me de você me haver dito que Simmel é judeu. Fico um pouco impressionado de o próprio não me ter dito quando eu lhe pedi para suprimir uma passagem de seu artigo sobre o sionismo, dizendo-lhe que eu era de origem judaica e que me tomariam por sionista” (carta a Bouglé de 3 de abril de 1898, [Besnard, 1976: 169]).

O mal-entendido pode ter reforçado o sentimento de distância experimentado por Durkheim em relação a Simmel. Preocupado, Bouglé tentará recentrar o debate sobre a base científica comum entre ambos e mostrar que os dois autores são, apesar de tudo, próximos. Mas será em vão.

Da divergência à ruptura

Em 1900, Durkheim coloca publicamente um fim a sua relação com Simmel, com um artigo dirigido “contra a ‘sociologia formal’”, como ele dirá a Bouglé, em carta de 14 de maio de 1900: “O artigo sobre o qual lhe falei, sobre – ou antes, contra – a ‘sociologia formal’ foi publicado no número deste mês da *Rivista*

19 Não se deve esquecer que o próprio Simmel estava longe de cultivar este traço cultural. De um ponto de vista religioso, ele e sua família se converteram ao protestantismo. Além disso, Simmel não era tão sensível à política quanto Durkheim. Para ele [(Simmel)], o que importava mais neste momento era que seu artigo servisse ao projeto de uma sociologia científica internacional. Todo o resto parecia relegado ao segundo plano.

italiana di sociologia. Eles fizeram uma espécie de pesquisa sobre as concepções sociológicas que povoam os espíritos atualmente; e foi deste ponto de vista que escrevi²⁰. Se você quiser debatê-lo, ao invés de vos enviar um número da revista eu poderia lhe enviar o manuscrito; ele vale mais que uma tradução que eu não pude revisar [minuciosamente?]” (Besnard, 1976: 170). O desprendimento com que Durkheim trata Simmel aqui é chocante: ele sequer menciona o seu nome. Simmel é o alvo de seu texto.

O artigo de Durkheim, intitulado “*La sociologie et son domaine scientifique*”²¹ (1975[1900]), refere-se a Simmel e à sua maneira de fazer sociologia: “Pode parecer que, desta maneira, delimitamos para a sociologia um objeto claramente definido. Na realidade, cremos que uma tal concepção serve apenas para mantê-la no seio da ideologia metafísica, da qual ela possui a necessidade irresistível de se emancipar. Não negamos à sociologia o direito de constituir-se lançando mão de abstrações, uma vez que não há ciência que possa ser feita de outra maneira. Apenas dizemos que é necessário que as abstrações sejam metodicamente dominadas, e que elas organizem os fatos segundo suas distinções naturais, sem o que elas degeneram largamente em construções imaginárias, em uma vã mitologia” (1975: 16). O texto sobe o tom em seguida, como nesta passagem: “(...) todo problema sociológico supõe o conhecimento aprofundado de todas estas ciências especiais que gostaríamos de retirar da sociologia, mas sem as quais ela não pode ficar. E como esta competência universal é impossível, precisamos nos contentar com o conhecimento limitado, adquirido de maneira apressada e que não está submetido a nenhum controle: é bem isto que caracteriza, na verdade, os estudos de Simmel. É de se apreciar sua sutileza e engenhosidade, mas não acreditamos ser possível definir com objetividade as principais subdivisões de nossa ciência interpretando-as como ele. (...) Para que a sociologia mereça o nome de ciência, é necessário que ela seja outra coisa que não simples variações filosóficas sobre certos aspectos da vida social, escolhidas mais ou menos por acaso, em função de propensões individuais. É preciso colocar o problema de modo a podermos encontrar para ele uma solução lógica” (1975: 19).

Consequentemente, Simmel é excluído de fato da equipe de *L'Année sociologique*. A partir de então, Durkheim não procura mais desenvolver seu programa

20 A decisão de fazer sociologia estritamente francesa, e não mais internacional, já havia sido tomada por Durkheim em 1898, quando ele escreveu a Hubert: “De qualquer maneira, eu já não procuro colaboradores mais. Nossa obra comum supõe uma fé comum e uma grande confiança mútua” (carta a Hubert, sem datação precisa, 1898, Fundo Hubert-Mauss).

21 Publicado originalmente com o título “*La sociologia e il suo dominio scientifico*” na *Rivista italiana di sociologia*, n. 4, 1900, pp. 127-148. O artigo foi republicado em Durkheim, 1975.

sociológico em parceria com o alemão. Ele o diz indiretamente a Bouglé: “Do que se segue que nós não ficaremos satisfeitos com as submissões a não ser quando formos nós mesmos os autores. É a isto que devemos nos ater” (carta a Bouglé de 13 de junho de 1900 [Besnard, 1976: 173]). Ele redefine a cooperação entre os colaboradores da *L'Année* e coloca definitivamente em marcha a “máquina de guerra” de sua sociologia. Durkheim e Simmel seguem cada um para o seu lado; a página parece virada.

No entanto, podemos imaginar – a despeito do material insuficiente para fundamentar a hipótese – que essas relações tenham continuado para além de 1902. O indício mais importante nesse sentido nos é fornecido pelas resenhas consagradas a Simmel que surgem na *L'Année sociologique*, assinadas por colaboradores de Durkheim e pelo próprio. A primeira revisão geral é de Bouglé, em 1901: “Simmel – *Il problema dela sociologia. Riforma sociale*, ano VI, fascículo 7” (Bouglé, 1901: 117). Em seguida, são publicadas três resenhas de Durkheim: uma em 1902 e as duas outras em 1904. A primeira se dedica à *Philosophie des Geldes* (GSG 6, 1996 [1900]); as outras, a dois artigos de Simmel, que farão mais tarde parte de sua *Soziologie* (GSG 11, 1992[1908]).

O exame feito por Durkheim sobre a *Philosophie des Geldes* [N.T.: “A filosofia do dinheiro”, em tradução livre] se mantém no veio crítico do tema da “sociologia e seu domínio científico”: “É verdade que debatendo assim as ideias do autor, lhes exigindo seus títulos lógicos, nós aplicamos nelas um método crítico que o sr. Simmel, sem dúvida, recusaria por princípio. Com efeito, ele avalia que a filosofia não é, como as ciências propriamente ditas, subordinada às obrigações ordinárias de comprovação; o indemonstrável seria o seu domínio (v. prefácio: 1). Portanto, a imaginação e as sensações pessoais teriam o direito de dar-se rédea solta, enquanto as demonstrações rigorosas não seriam exigidas. Confessamos que não damos muito valor a tal gênero de especulação bastarda, na qual o real se exprime em termos necessariamente subjetivos, como na arte, mas abstratos, como na ciência; pois, por essa mesma razão, ela não saberia nos oferecer as coisas nem as sensações vivas e frescas como as que produz o artista, nem as noções distintas que busca o sábio” (Durkheim, 1902: 145). Um detalhe surpreende de imediato: Simmel não é mais considerado como um sociólogo, mas como um filósofo. Ele é colocado do lado dos “inimigos” estratégicos da sociologia durkheimiana. Além disso, Durkheim julga Simmel segundo os cânones

22 A coordenação da *L'Année sociologique* exigiu de Durkheim um trabalho extenuante que ele frequentemente quis interromper, como quando da preparação do primeiro número, entre 1896-1897.

de sua própria escola, e não procura mais a sociologia em seu trabalho²³. Simmel se torna apenas uma curiosidade, como o poderia ser um filósofo social original. A desvalorização relativa de Simmel parece ter tido uma trégua²⁴ em resenha de 1904 sobre o artigo intitulado “*Über räumliche projectionen socialer Formen*” (1903). Mas ela é retomada de vez na resenha seguinte, no mesmo ano, que trata da tradução pelo *American Journal of Sociology* do artigo de Simmel intitulado “*The number of members as determining the sociological form of the group*” (1902/1903): “o sr. Simmel se limita a enumerar rapidamente, ao acaso da memória, uma multitude de fatos de toda sorte, emprestados a todos os momentos da história e a todas as formas da vida coletiva, e onde mais lhe parece que o número dos membros que compõem o grupo social teve alguma influência particular” (Durkheim, 1904: 648).

A crítica a Simmel feita por Hertz em 1905, a propósito de um conjunto de artigos intitulado “*The sociology of conflict*” (1903-1904), traduzidos pelo *American Journal of Sociology*, vai no mesmo sentido. Desde o início o tom é irônico: “Fiel à sua concepção de sociologia, o sr. Simmel se propõe a estudar o conflito enquanto ‘forma’ ao abstrair do ‘conteúdo’ dos diversos conflitos específicos (nacional, religioso, político, sentimental etc.); ele não se demora muito na definição do objeto de sua pesquisa: todo mundo possui alguma vaga noção de conflito, antagonismo ou hostilidade, e isso é suficiente para o autor” (Hertz, 1905: 181). E segue: “O principal interesse desses artigos, nos parece, é que eles explicitam nitidamente as falhas inerentes ao método do sr. Simmel. Sua concepção do objeto da sociologia o condena a se ater apenas às formas vazias e indeterminadas que nada oferecem à investigação. (...) Até aqui, as tentativas ambiciosas como essa do sr. Simmel não acrescentaram nada ao nosso conhecimento” (p. 182). Apenas Bouglé procurará relativizar a virulência dos ataques, lembrando

23 Poderíamos quase chegar ao ponto de dizer que Durkheim não procurava mais a sociologia na Alemanha, se tomarmos por referência o que ele escreveu no *Mercure de France*, no mesmo ano: “No presente momento, tenho a impressão bastante clara que, desde algum tempo já, a Alemanha não soube renovar suas fórmulas. (...) Os estudos de sociologia, que gozam atualmente entre nós de uma fama quase excessiva, lá quase não contam com representantes. O fato me parece ainda mais notável na medida em que, quando eu comecei, há dezenove ou vinte anos, nos estudos que hoje persigo, era pela Alemanha que eu esperava ser iluminado. (...) Eu me pergunto, portanto, se isso não é também um sinal de uma certa falta de curiosidade, de uma sorte de ensimesmamento, de uma abundância intelectual que se opõe aos novos progressos” (Morland, 1969 [1902]).

24 A crítica de Durkheim se tornará então mais nuançada: “A ligeireza de espírito a qual o sr. Simmel se move em meio às questões que trata, passando de um assunto a outro, de uma ideia à seguinte, enriquece os seus escritos. Mas dessa maneira os conceitos utilizados pelo autor terminam por não apresentar aceção precisa. Eles apresentam uma elasticidade excessiva conforme o argumento é desenvolvido. (...) Nós devemos, ao contrário, sublinhar que toda a parte que concerne às fronteiras foi tratado exaustiva e profundamente pelo sr. Ratzel em sua *Politische Geographie*, que o sr. Simmel não cita” (Durkheim, 1904)

aos demais que as ideias de Simmel foram e continuavam a ser partilhadas em parte pela equipe da *L'Année sociologique*²⁵; para Durkheim e a maioria dos durkheimianos, no entanto, Simmel não era mais que um pensador obscuro, embora original.

A ruptura entre Durkheim e Simmel se produziu, portanto, sobre uma base ambígua: Simmel é ao mesmo tempo rejeitado e comentado. Se rejeitado, por que então lhe dar qualquer atenção? Por que não lhe ser, simplesmente, indiferente? Karady (1979) nos oferece duas razões de ordem geral que podem esclarecer a questão.

Primeiramente, as resenhas publicadas na *L'Année* seguem a lógica do processo de legitimação que Durkheim e os durkheimianos promovem para a sua sociologia. Tal legitimidade da sociologia francesa se construía tendo a sociologia alemã por referência: “O que importava para a Escola sociológica [N.T.: de Durkheim] era que a ‘crise alemã do pensamento francês’ justificava qualquer empreendimento intelectual que pudesse apresentar modelos testados existentes na Alemanha. Ora, estes não eram poucos, pois havia abundante literatura naquele país que confirmava a autoridade de autores como Tönnies, Wundt, Schmoller, Schäffle, Simmel ou Gumplowicz, que constituíam os principais autores que povoavam o universo intelectual durkheimiano. A existência desta ‘dominância germânica’ na equipe da *L'Année* se torna ainda mais flagrante na medida em que não encontramos nenhum vestígio dela nos grupos disciplinarmente contíguos, mas exteriores à Universidade, como no de Tarde, nos ‘sociólogos internacionais’, ou ainda nos seguidores de Le Play de diversos quadrantes” (Karady, 1979: 71). Assim, a frequência das resenhas dedicadas a obras de autores alemães na *L'Année* não cessará de crescer entre 1896 e 1909 (Karady, 1979: 72). Tal fato pode explicar o porquê de Simmel ser regularmente comentado, mas ele não nos indica nada sobre o motivo do autor ser também severamente criticado. Aqui surge o segundo argumento desenvolvido por Karady.

Após 1896, começam a ocorrer trocas de artigos entre a equipe do *American Journal of Sociology* e a da *L'Année sociologique*, e Durkheim desejava estreitar laços com os americanos, como ele já havia feito com os ingleses. A referência à língua inglesa na *L'Année* é obrigatória. Com isso, a necessidade estratégica dos alemães se reduz ao papel de garantidores da legitimidade dos trabalhos apresentados na *L'Année*. Com o tempo, Durkheim chegará a revisar a importância

25 Ver aqui sobretudo a resenha feita por Bouglé (1910) da *Soziologie* de Simmel (GSG 11, 1992[1908]). Mencionemos também a resenha de Hubert e Gelly do artigo de Simmel “Der Begriff und die Tragödie der Kultur” (GSG 14, 1996[1911]) publicado em 1909 na revista *Logos*, para o volume 12 da *L'Année sociologique* (1909-1912/1913, pp. 17-20).

da influência dos alemães sobre os seus trabalhos e os de sua escola: ele dirá até que a ciência das religiões é essencialmente inglesa, não havendo nela nada de alemão (Karady, 1979: 73). Como mostra Karady, aparentemente “o caráter vital e estratégico do aporte alemão diminui com o tempo, à medida que a Escola sociológica consolida seus fundamentos acadêmicos e universitários”. A sociologia não é elaborada mais com os alemães, e ainda menos com Simmel, mas sim com os americanos e os ingleses.

Mencionar Simmel é, portanto, necessário para justificar o empreendimento durkheimiano. A crítica realizada na *L'Année* assegura esta legitimação e permite à sociologia francesa afirmar sua autonomia em relação ao pensamento alemão. Resta compreender o significado dessa autonomia. Quanto às relações Simmel-Durkheim, faltam-nos materiais para ir mais longe, pois a correspondência direta entre os autores é hoje considerada perdida. De qualquer maneira, duas soluções se apresentam para completar a investigação: comparar os textos de ambos, buscando ali os traços de sua relação, ou recorrer à história das relações entre Simmel e outros colaboradores da *L'Année*. Escolhemos essa última, uma vez que nos permite vislumbrar as relações entre Simmel e Marcel Mauss.

Mauss viveu em primeira mão os embates entre Simmel e Durkheim. Ele é o principal e o primeiro colaborador deste último desde o nascimento da *L'Année sociologique*, tendo auxiliado o tio na edição de *O suicídio* (1897); ele defenderá o “durkheimismo” contra os partidários de outras disciplinas e das revistas concorrentes da *L'Année*.

MAUSS E SIMMEL: DISTÂNCIAS E PROXIMIDADES

Para descrevermos a relação entre Mauss e Simmel, é preciso, antes de tudo, lembrar que esses autores fazem parte de duas gerações diferentes. Catorze anos separam Simmel e Mauss – toda uma era, em suma, do ponto de vista do universo sociológico em formação. O olhar sociológico, por mais rústico que fosse, já existia para Mauss, enquanto para Simmel ou Durkheim ele ainda estava por ser definido. Mauss se beneficia diretamente dos conselhos de Durkheim, e eles rapidamente se tornam próximos: o laço familiar, com suas alegrias e angústias, reforça a ligação profissional, à qual Mauss restará fiel até o fim da vida²⁶. O tio, esse “profeta inspirado”²⁷, é um líder no qual Mauss reconhece a autoridade, fazendo-o abraçar o seu projeto. Nada poderia separar mais Mauss e Simmel.

26 Ele inclusive o reafirma em sua nota biográfica. V. Mauss, 1979, pp. 209-220.

27 Cf. G. Davy, 1973.

Contrastes...

Não obstante, havia proximidades biográficas entre Mauss e Simmel: como esse, Mauss era filho de um comerciante judeu; o jovem Simmel queria tornar-se advogado, enquanto Mauss estudara Direito; Simmel é filósofo de formação e Mauss é bacharel [*agrégé*] em filosofia; além disso, ambos se diziam “relativistas”²⁸. Mas tais semelhanças não devem iludir: muitos intelectuais do fim do século apresentavam igualmente várias dessas características. Se passamos do plano biográfico para o das carreiras intelectuais, as diferenças entre Simmel e Mauss saltam aos olhos.

A formação de cada um dos autores, por exemplo. No outono de 1895, Mauss se inscreve nas sessões de ciências religiosas e de ciências históricas e filológicas da *École pratique des hautes études*. De um lado, ele estudará línguas com Antoine Meillet, Louis Finot e Israël Lévi; de outro, as religiões com Sylvain Lévi, Alfred Foucher e Léon Marillier. De sua parte, a partir de 1876, Simmel assistirá aulas de História com Droysen, Mommsen, von Sybel, von Treitschke; de Filosofia com Zeller, Tobler, Herman Grimm (de quem Simmel se tornará próximo), Harms, Marx Jordan; de etnologia com Adolf Bastian e de “psicologia dos povos” [*Völkerpsychologie*] com Moritz Lazarus²⁹.

É verdade que, no decorrer desses percursos, certas conexões apareceram. Ao fazer sua especialização, Mauss terá contato com professores de Simmel. Podemos assim notar a influência sobre Mauss da etnologia de Bastian, que Simmel havia tido contato entre 1877 e 1878. Podemos igualmente sublinhar a referência recorrente de Mauss à psicologia popular, em particular à de Wundt³⁰. Simmel, igualmente influenciado pela disciplina, mantém uma atitude crítica

28 “O candidato ao bacharelado [*agrégation*] se diz ‘relativista’, e já manifesta interesse pelas questões linguísticas e etnológicas” (Fournier, 1994: 69).

29 Sobre este ponto, ver: H.-J. Dahme, Ch. Gülich, O. Rammstedt (1989).

30 É isto que Mauss escreve à Milhaud em 7 de janeiro de 1897: “Quanto a Wundt, vou ouvi-lo em breve, talvez eu vá ao Laboratório. (...) Falta Spinoza. Quanto mais leio as críticas, mais eu o acho sólido. Eu renunciei, ao menos por enquanto, aos estudos históricos. (...) Como para você, o povo alemão me pareceu sensato (...)” (carta a Milhaud, 7 de janeiro de 1897, Fundo Hubert-Mauss).

perante Wundt, escolhendo se filiar à linha de Moritz Lazarus³¹. Sendo assim, Mauss não fará uso de Bastian e da psicologia popular como o fez Simmel (basta nos referirmos aos primeiros escritos sobre religião dos dois autores para notar como eles não estão de acordo).

Portanto, Mauss se engaja de fato em uma formação especializada, exegética. Simmel passa por todas as disciplinas com o objetivo de desenvolver um conhecimento sintético do homem. Vemos bem aqui uma ruptura entre dois momentos da sociologia, mas também entre dois tipos de sociologia: de um lado, a sociologia científica, na qual a divisão do trabalho já está bem adiantada; de outro, a sociologia então chamada de “geral”, que busca seu caminho dentre a biologia, a filosofia, a economia e a psicologia, para tornar-se, segundo o desejo de Simmel, “especial”.

Outra diferença importante entre Mauss e Simmel é quanto ao engajamento político. “Ao contrário de seu tio, Marcel Mauss é um militante e um ‘homem de partido’: desde seus estudos universitários em Bordeaux ele frequentará o grupo dos Estudantes Revolucionários, colaborando com Marcel Cachin, alguns anos mais velho que ele, tendo sido sempre próximo da militância estudantil e socialista, e, em 1895 – com seus novos amigos, Edgar e Albert Milhaud –, ele participará da *Ligue démocratique des écoles*, de congressos do movimento socialista e cooperativista, e publicará suas primeiras resenhas em uma revista internacional de economia, de história e de filosofia, *Le Devenir social*” (Besnard e Fournier, 1998: 17).

Em Simmel, vemos também certo engajamento político, mas sua expressão toma um rumo singular. Ele não se engaja, ou se engaja pouco, nos grupos políticos de seu tempo. Talvez tenha feito parte, em sua juventude, de alguns círculos estudantis de tendência socialista. Nesta época, ele escreve igualmente

31 Aqui é necessário apresentar a distinção entre três grandes momentos da *Völkerpsychologie*, que corresponde a três escolas diferentes. A primeira época (entre 1860-1890) foi marcada pela escola de M. Lazarus e H. Steinthal. Ela se ocupou do estudo da linguagem e da cultura dos povos, dando-se por projeto o estabelecimento de uma teoria do espírito dos povos, sendo uma forma de antropologia geral das diferentes culturas e sociedades humanas. Essa escola foi combatida alguns anos mais tarde pela de W. Wundt (entre 1890-1920). Wundt quis dotar a psicologia dos povos de um caráter mais “científico”, partindo para tanto das leis do indivíduo tomado enquanto complexo psicofisiológico. A intenção era chegar às leis sociais e culturais. Sobre esta periodização, ver principalmente H. Hiebsch (1980: 489); sobre o conflito entre a primeira e a segunda escola, ver, entre outros: H. Steinthal, 1887, pp. 233-264; A. Arnold, W. Meischner, 1980, pp. 496-504. É, enfim, Thurnwald quem se torna, no início dos anos 1900, o líder de uma terceira escola da *Völkerpsychologie* (entre 1910-1935), que compete com a de Wundt. Thurnwald se encaminha resolutamente para a antropologia anglo-saxã (cf. notadamente seus artigos de feição programática: R. Thurnwald, 1925, pp. 01-20; R. Thurnwald, 1927, pp. 252-253), e deixa um pouco de lado o aspecto psicofisiológico, caro para Wundt. Ele renova, por outro lado, certas intuições de Lazarus e Steinthal, mas partindo dos estudos empíricos de culturas e sociedades.

artigos para uma revista de contestação, *Vorwärts*, e para uma revista literária, *Jugend*, de 1897 a 1906 (Rammstedt, 1988). Neles, as questões políticas não são abordadas de frente, como nos escritos de Mauss; elas se misturam às questões da vida cotidiana, desenvolvidas por meio de uma escrita pungente, de apelo estético. Mauss fala da tribuna; Simmel protesta à maneira de um Aristófanes que tomou para si a pena de Dante. Ao abordar os pequenos fatos cotidianos, ele se junta a Schopenhauer, Nietzsche, Kant – entre o céu e o inferno, em um movimento pendular entre um e outro que para ele descreveria a própria dinâmica da vida. No fundo, a ideia mais politicamente engajada que Simmel terá é aquela que descreve seu filho: “Ele escolhia ser um ‘liberal’, isto é, ser do partido popular dos livres pensadores, e se nenhum de seus candidatos parecesse ter alguma chance, ele então votava na social-democracia. No geral ele era cético em relação a todos os partidos de direita. E tinha enorme desconfiança pela política de Guilherme II”³² (Simmel, 1941-1943: 53). Portanto, a maneira de se engajar de ambos os autores era bem diferente, mesmo que as simpatias partidárias pareçam próximas.

Assim, ainda que eles se assemelhem em certos pontos, Mauss e Simmel não tiveram nem uma existência nem uma carreira intelectual parecidas. Contudo, Mauss tomará conhecimento dos trabalhos de Simmel e, surpreendentemente, lembrará deles ao longo de toda a sua vida. Por que isto aconteceu, e como?

“Reconciliação” negativa

Se é incontornável falar de uma “reaproximação” entre Mauss e Simmel, devemos antes deixar claro duas coisas: primeiro, que tal reaproximação parte de Mauss, e que ela será “negativa”, no sentido em que Mauss, em função de suas relações com Durkheim, forjará para si uma opinião desfavorável sobre Simmel que pouco mudará. No entanto, surpreende que Mauss, em sua obra, tenha se lembrado frequentemente de Simmel. Qual é o peso desta lembrança? Para podermos avaliá-la, voltemos um instante aos anos 1895-1896.

Em 1895, Durkheim confia uma dupla missão a Mauss: concentrar seus estudos no tema da religião e recrutar colaboradores para a *L'Année sociologique*. Durkheim está convencido de que a religião é “uma das ‘grandes funções

32 É difícil tratar os escritos do período da Primeira Guerra Mundial (cf. G. Simmel, GSG 16, 1998) enquanto expressão de uma disposição particular de Simmel a “falar de política”. Isso seria um exagero que não tomaria verdadeiramente em conta a complexidade da questão acerca de seu posicionamento face à guerra. É de se notar a este respeito que Lukács chegou a equiparar Simmel a um pensador “fascista” e “racista” (cf. G. Lukács, 1962: 188), acusando-o de obscurantismo e de defender a “mística niilista” da “decadência imperial” (*ibid.*, pp. 353, 359 e 364).

reguladoras da sociedade, juntamente com o direito e a moral” (Fournier, 1994: 81). Mauss então entra em contato com Winternitz e Frazer³³ e se lança na aventura da revista, da qual será protagonista entre 1895 e 1902, período de lançamento das bases do projeto editorial³⁴. Lévy-Bruhl dirá mais tarde que Mauss deu à *L'Année* o melhor de si, pois publicou ali boa parte de sua obra: cerca de 2500 páginas, em um total de 10 a 11 mil (Besnard e Fournier, 1998: 14).

O primeiro contato com Simmel ocorreu neste período. Foi em 1896, na época em que Bouglé publicou seu livro, “*Les sciences sociales en Allemagne: les méthodes actuelles*”. É bastante provável que Mauss, enquanto membro ativo da *L'Année* e por sua proximidade com Durkheim, tenha tido contato com o livro de Bouglé antes de sua publicação. Sua reação, como a relata Fournier, será a seguinte: “Sua principal reserva [de Mauss quanto ao livro de Bouglé] era concernente à seleção dos autores alemães: por que Simmel e não Wundt? O primeiro ‘ainda está na introdução [de sua obra]’, enquanto o segundo já possui uma grande influência sobre toda a sociologia” (Fournier, 1994: 77). Mauss afirma logo de partida seu ceticismo quanto a Simmel, e nisto difere de Durkheim, que havia se apressado em lhe pedir para participar da *L'Année sociologique*. Além disso, Mauss não parece ter dúvidas quanto à qualidade das relações entre Bouglé e Simmel, bem como parecia ignorar a crítica simmeliana da “psicologia popular” de Wundt. Tudo isso indica claramente um desacordo de origem e de fundo entre os dois.

Tendo-se tornado responsável pela seção de sociologia da religião da revista, a mais volumosa e importante aos olhos de Durkheim, Mauss deveria por sua vez encorajar os autores colaboradores a produzir trabalhos doutrinários para a revista e escrever ele mesmo suas próprias resenhas. Mas a *L'Année* tarda a ser publicada; será então que a equipe durkheimiana conhecerá suas primeiras crises. Neste momento, Mauss e Durkheim serão duplamente surpreendidos no âmbito pessoal: no mesmo ano (1896), ambos perderão o pai. Mas tudo se passa rapidamente e o profissionalismo retoma as rédeas da vida privada do sobrinho e do tio. Durkheim é nomeado professor de “ciências sociais” em Bordeaux.

33 Em 3 de julho de 1898, Mauss foi convidado por J. G. Frazer a jantar (carta a Mauss de 03 de julho de 1898, Fundo Hubert-Mauss). Os dois, juntamente com a esposa de Frazer, Lili Frazer, mantiveram uma correspondência regular (contamos ao menos 24 cartas de Frazer a Mauss, de 1898 até janeiro de 1931).

34 Durkheim o lembrará de sua importância diversas vezes, como na passagem seguinte: “Ora, você é um dos pilares de nossa equipe, verdadeiramente essencial, e não apenas porque está em Paris, mas sobretudo porque, eu o prevejo e espero, da *L'Année sociologique* sairá uma teoria que, de maneira exatamente oposta ao materialismo histórico mais grosseiro e simplista – a despeito de suas pretensões objetivistas –, fará da religião, e não mais da economia, a matriz dos fatos sociais” (carta a Mauss de junho de 1897, *in* Durkheim, 1998: 71).

Paralelamente, o trabalho árduo que representou a escrita e organização d'O *suicídio* (1897) chega ao fim. Mauss, que depois do outono de 1895 segue os cursos de ciências religiosas na seção de ciências históricas e filológicas da *École pratique des hautes études*, analisa as estatísticas do *Service de la statistique judiciaire* dirigido por Tarde e termina suas pesquisas bibliográficas para Durkheim.

Até o início de 1897, Durkheim e Mauss estarão, portanto, – e a palavra não é exagerada – submersos em trabalho. Ao mesmo tempo, eles experimentam certa euforia. Dia após dia, tornam-se cada vez mais convencidos da viabilidade da *L'Année*, e os contatos internacionais se multiplicam. É nesse contexto que Mauss fica sabendo, por meio de Durkheim, da existência de Simmel: “Depois de nosso retorno me dediquei inteiramente à *L'Année*. Lapie e Bouglé estão cheios de ardor, e me escreveram cartas muito dedicadas e zelosas. Eu escrevi a É. Lévy; Richard já está trabalhando. Quanto a mim, li completamente a *Literatur Zentralblatt* de 1896, e encontrei algumas poucas coisas que poderiam me interessar. Mas devo admitir que estou ocupado sobretudo com aquilo que concerne a meus outros colaboradores. Quanto a você, abandono-te à sua própria sorte. Hoje escrevi a Simmel, veremos o que ele vai responder” (carta a Mauss de 10 de abril de 1897, [Besnard; Fournier, 1998: 54]). Portanto, Mauss está ciente da relação entre seu tio e Simmel, e conhecerá todas as suas reviravoltas – do ponto de vista de Durkheim.

Nos meses de junho e julho de 1897, Durkheim, como vimos acima, pena para classificar a sociologia de Simmel no interior das seções de *L'Année*. Ele confessa a Mauss seu ceticismo: “Quanto a Simmel, você sabe que estou longe de ser um entusiasta. Mas não desejo que pareça que me coloco em um isolamento orgulhoso, ou que tenciono publicar apenas cópias de mim mesmo. De qualquer maneira, ele é a quem eu melhor posso me dirigir neste momento” (carta a Mauss de junho de 1897 [Besnard e Fournier, 1998: 59]). A escolha por Simmel é certamente estratégica, pois Durkheim – e Mauss, provavelmente – não concorda com o alemão, ou antes a sociologia de Simmel não corresponde bem à sociologia que Durkheim deseja apresentar. Esta avaliação se radicaliza no início de 1898, quando ele termina a correção do artigo de Simmel e se prepara para publicá-lo: “Você nada comentou sobre o meu projeto de publicar ao mesmo tempo minhas duas aulas (revisadas) sobre a definição de religião. Isto teria a grande vantagem de, juntamente com seu artigo, dar o tom da questão. Me parece que teria excelente efeito. Então veriam que tal maneira de considerar a religião possui fundamento sólido; o seu trabalho seria a prova disto. E também ficaria claro que este trabalho se atém a uma concepção geral que é passível de aplicações mais amplas. A *L'Année* teria menos variedade, mas que importa?

E, de qualquer maneira, para ter variedade eu teria que, de novo, arranjar um Simmel qualquer” (carta a Mauss do início de janeiro de 1898 [Besnard, Fournier, 1998: 100]). Antes mesmo do caso do parágrafo sobre o sionismo, e bem antes de 1900, Durkheim possui uma opinião bem consolidada sobre Simmel, e Mauss seguirá fundamentalmente marcado por esse julgamento em suas atitudes relacionadas a ele.

Após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), Mauss invocará Simmel em alguns textos. Em “*Divisions et proportions des divisions de la sociologie*”, texto de 1927, podemos ler o nome de Simmel em uma referência à sociologia geral que Mauss defende. Essa sociologia geral deveria descobrir as relações “que existem entre as diversas ordens de fatos sociais considerados em seu conjunto e cada um separadamente: morfológicos e fisiológicos de uma parte e, ao mesmo tempo, religiosos, econômicos, jurídicos, linguísticos, etc.” (Mauss, t. III, 1969[1927]: 227). Mas a sociologia geral não é “o puro domínio de generalidades puras, e ainda menos de generalidades apressadas. Ela é, antes de tudo, o estudo dos fenômenos gerais. (...) Tais fenômenos são estes: tradição, educação, autoridade, imitação, relações sociais em geral, entre classes, o Estado, a guerra, a mentalidade coletiva, a razão etc. Nós negligenciamos estes grandes fatos e os negligenciaremos provavelmente por bastante tempo ainda. Mas outros não os esquecem. Sobre a autoridade, podemos citar o livro de M. Laski. Durkheim e os adeptos da *social pedagogics* tratam da educação. Outros autores inclusive reduzem a sociologia inteira a considerações de fatos gerais: é o caso de Simmel e seus alunos, de M. von Wiese e de sua *Beziehungslehre*. Nós não estamos de acordo com eles; mas eles têm razão em não considerar o estudo das grandes construções sociais como relevante apenas para a sociologia jurídica” (Mauss, t. III, 1969[1927]: 227). Sete anos depois, é novamente por meio de um artigo sobre o estatuto e a maneira de se fazer sociologia (Mauss, t. III, 1969[1934]: 303-358) que o autor cita Simmel novamente: “de outro lado, uma massa considerável de trabalhos, frequentemente de grande qualidade, traz à sociologia geral propriamente dita grandes quantidades de fatos e de ideias. As escolas de sociologia alemãs, inclusive a que fundou Max Weber, como a de Simmel, e ainda mais a de Cologne, com Scheler e Von Wiese, mesmo sendo tão preocupadas com a realidade, mesmo plenas de observações engenhosas, limitaram seus esforços quase sempre aos problemas da vida social em geral. Os sociólogos alemães, salvo quando são também etnólogos, renunciam a quase todas as sociologias especiais. As séries de fatos bem delimitados que estes últimos delineiam são por eles abandonados às ciências especiais ou à história. Trata-se, neste artigo, de mostrar qual é o lugar dessas especulações sobre os fatos gerais,

e também de mostrar como é possível complementá-los com novas observações mais metódicas” (Mauss, *Fragments d'un plan de sociologie Générale descriptive*, 1969[1934], t. III: 304). Encontramos, ainda, dentre os rascunhos do Fundo Hubert-Mauss, o nome de Simmel escrito à mão. É o caso do rascunho de “*La nation*” (Mauss, t. III, 1969: 573-625), no qual Mauss trata Simmel por “pedagogo”, uma maneira depreciativa de distingui-lo dos sociólogos.

Não resta nenhuma dúvida: Mauss e Simmel não compartilham da mesma concepção da sociologia. E, no entanto, Mauss certamente se aproxima da sociologia de Simmel, e isto desde a publicação do primeiro número de *L'Année*. Mas é também a partir daquele momento que Mauss conquista certa autonomia em relação a Durkheim. Vejamos este último ponto.

Mauss: entre Durkheim e Simmel

Como cientista, Mauss cedo tomará um caminho diferente do adotado por Durkheim ao trazer a sociologia para o centro do engajamento político. Em 1899, no momento em que seu primeiro texto importante é publicado na *L'Année*, ele escreve “*L'action socialiste*” (Mauss, EP, 1899). Para ele, “a ação socialista é, antes de tudo, e este é o meu primeiro ponto, uma ação de transformação da sociedade, uma ação social. O nome o indica. Os fatos o corroboram” (p. 72). Mauss pode ser descrito como um socialista no sentido em que Saint-Simon dava ao termo por volta de 1827. Mas seu socialismo era também um cooperativismo, e se distinguiu, portanto, do socialismo de Saint-Simon e do comunismo de Marx. O movimento da ação socialista se preocupava com a sorte dos operários. Convinco desta causa, Mauss adere à SFIO [N.T.: Sigla para “*Section Française de l'Internationale ouvrière*”], criada em abril de 1905 durante o Congresso de Paris. Ele se tornará membro do conselho de administração da entidade.

Mauss investirá antes na educação do povo que na propaganda partidária, conservando sempre uma vontade de educar que o fará por muito tempo hesitar entre a carreira acadêmica, na qual não se sentia inteiramente confortável, e o magistério. Ele se mantém, como o disse Fournier (1997: 105-107), “primeiramente, um sábio”. Mas o sábio tinha necessidade de política para viver. Isto não fará mais que aumentar a admiração que tinham por ele os seus camaradas de partido – ou mesmo os anônimos, como aquele que o escreveria em 1900: “Senhor, receba todas as minhas felicitações pelo artigo ‘A ação socialista’ – admiravelmente compreensível e [ilegível] – em uma palavra: o socialismo é a religião (nova) ou a ciência – ciência total (as ciências – letras – sociologia – moral – política) – religião e ciência são termos idênticos – a ciência deve ser a

condutora do socialismo. Receba a garantia de minha alta estima. Vosso artigo deve ser semeado” (carta anônima e não datada a Mauss, Fundo Hubert-Mauss).

Mauss liga, portanto, engajamento político e ciência, e é talvez por isso que ele comece, também nesse aspecto, a distanciar-se de Durkheim. E será então que suas propostas teóricas se aproximarão bastante das de Simmel – a partir de 1900.

Este ano será também aquele no qual Mauss começará a escrever com Paul Fauconnet o verbete “*Sociologie*” (Mauss, t. III, 1969[1901]) para a Grande Enciclopédia. Na aparência, o artigo se reivindica fortemente durkheimiano: “Tudo o que postula a sociologia é simplesmente que os fatos que chamamos de sociais estão na natureza, isto é, estão submissos ao princípio da ordem e do determinismo universais, logo são inteligíveis” (p. 140). Mas, se o observamos mais de perto, Mauss e Fauconnet mostram que os objetos da sociologia são assim na medida em que apresentam uma dimensão social. Em outros termos, e é esta a nuance inserida na teoria durkheimiana, os objetos não são imediatamente considerados como sociais. Uma formulação correspondente se encontra em Simmel: no “*Das Problem der Soziologie*” (GSG 5, 1992[1894]), o autor já afirmava que o social deveria ser extraído dos fatos, que não seriam simplesmente sociais³⁵. Mauss está, portanto, se colocando a mesma questão que Simmel fez a si mesmo alguns anos antes: o que quer dizer “social”?

A resposta de Mauss e de Fauconnet é a seguinte: aquilo que é social, isto é, as sociedades, os grupos humanos, é reconhecido “pela presença de ações e reações, de interações” (Mauss, t. III, 1969[1901]: 142). Essa formulação é quase idêntica à que encontramos em Simmel: para este, o social deve ser compreendido a partir das interações entre as pessoas, cuja soma representa o que nós chamamos de “sociedade”³⁶.

Nós não saberíamos como ir além destas aproximações autorizadas pelos textos. No conjunto, a proposta de Mauss e Fauconnet mantém-se fiel à doutrina durkheimiana: “Essa interdependência dos fenômenos seria inexplicável se estes fossem o produto de vontades particulares mais ou menos caprichosas; mas ela se explica se os fenômenos forem produto de forças impessoais que dominam

35 O trecho seguinte o ilustra bem: “Na aparência histórica, existe efetivamente uma fusão livre do conteúdo e da forma societal, não existe nenhum estado preciso, ou desenvolvimento que seria simplesmente social e que não seria, ao mesmo tempo, o estado ou o desenvolvimento de um conteúdo” (Simmel, GSG 5, 1992 [1894]: 56). É este equilíbrio entre a forma e o conteúdo que leva Simmel a dizer que não há fatos diretamente sociais, mas um acontecimento que traz consigo algo de social. O social é uma das propriedades dos objetos de nossas trocas, uma dentre outras.

36 Ainda em seu texto “*Das Problem der Sociologie*” (GSG 5, 1992[1894]), Simmel diz: “A sociedade em seu sentido mais amplo está presente no momento em que vários indivíduos entram em ‘efeito de reciprocidade’” (p. 54).

os indivíduos” (*ibid.*: 147). Aqui reencontramos a imagem disciplinar e restritiva da sociedade, aquela que Durkheim cultiva e que não é a de Simmel. O acento durkheimiano do artigo de Mauss e Fauconnet não escapa a Bouglé, que o sublinhará na ocasião de uma resenha para a *L'Année* que toma por objeto a *Soziologie* de Simmel (GSG 11, 1992[1908]): “e, com efeito, os estudos heterogêneos justapostos neste livro permitirão ao leitor fazer uma ideia mais nítida daquilo que o sr. Simmel entende por ciência das formas sociais. Elas estão longe de se reduzirem, em sua visão, às determinações espaciais, à estrutura material dos grupos, àquilo que nos propomos aqui [N.T.: na *L'Année sociologique*] a estudar sob a rubrica de Morfologia Social. De certa maneira, elas transbordam o quadro das instituições propriamente ditas. O sr. Simmel não aceitaria a definição proposta anteriormente pelos srs. Mauss e Fauconnet” (Bouglé, 1910: 17-18). Essa definição será aquela pela qual Mauss e Fauconnet regressarão de seu relativismo para o objeto durkheimiano da sociologia – em seus termos, aos “hábitos coletivos”: “Estes hábitos coletivos e as transformações pelas quais eles passam incessantemente, é isto o próprio objeto da sociologia” (Mauss, t. III, 1969[1901]: 146). O comentário de Bouglé segue, no entanto, misterioso: por que ter aproximado a *Soziologie* de Simmel do texto de Mauss e Fauconnet? Teria Simmel sido debatido por Mauss? Se sim, em quais termos? Não possuímos nenhuma resposta precisa a essas questões. O material biográfico, muito pobre, não permite uma tomada de posição; resta apenas o material intelectual e sua linguagem, que esconde tanto quanto revela. Não restando outra opção, abordemos a questão indiretamente: voltemos à relação entre Mauss e Durkheim para tentar vislumbrar o lugar que Simmel irá ocupar.

Certa distância teórica começa a despontar entre tio e sobrinho. Ela só faz aumentar a partir da publicação do primeiro número de *L'Année*. No correr da troca de cartas, Mauss toma posições quase paradoxais, virando o “durkheimismo” contra Durkheim, como na carta a seguir, destinada a Hubert: “(...) o importante é precisamente que nós sejamos os únicos a fazer o que fazemos na *L'Année*, e, sendo os únicos, que não façamos em outra parte, a não ser na *L'Année*. Pelo mesmo motivo, para mim Fauconnet, Durkheim e Lévy não devem colaborar muito com o *Litteratur Bericht*, que foi fundada na Alemanha, e de maneira nenhuma devem ali introduzir nossos tópicos. É preferível se inserir em organizações já prontas, fortes e respeitáveis, já influentes, onde poderemos falar com a certeza de que seremos compreendidos. Não vale à pena colaborar com revistas efêmeras, para as quais não desejamos a morte, mas que tampouco desejamos a vida” (carta não datada de Mauss a Hubert, provavelmente de 1899, Fundo Hubert-Mauss). Mauss é ambíguo aqui, e o ficará cada vez mais.

Em 1901, morre Marillier, professor de “religiões dos povos não civilizados” na seção de ciências religiosas da *École pratique des hautes études*. Em 6 de dezembro do mesmo ano, Mauss recebe de A. Réville a seguinte carta: “O sr. Mauss, bacharel [agregé] em filosofia, será nomeado professor de religiões dos povos não civilizados junto à seção de ciências religiosas da *École pratique des hautes études*, substituindo o sr. Marillier, recém falecido³⁷” (carta de Réville a Mauss, de 6 de dezembro de 1901, Fundo Hubert-Mauss). Apesar da falta de títulos universitários, Mauss sobe na hierarquia acadêmica e se afasta um pouco mais da *L'Année*. Suas resenhas chegam sempre com atraso, e tampouco para a escrita de sua tese de doutorado ele consegue encontrar tempo. Para coroar, ele investe com prejuízo em uma sociedade cooperativa, chamada de “Padaria”.

Esse processo de afastamento conheceu uma breve pausa quando Durkheim pede a Mauss para escrever com ele um artigo sobre as formas de classificação das sociedades ditas “primitivas”. O artigo se tornará o texto fundamental que conhecemos hoje sob o título “*De quelques formes primitives de classification. Contribution à l'étude des représentations collectives*” (t. II, 1974[1903]). Neste momento, Mauss se mantém ao lado de seu tio.

Porém, em 1906-1907, novas crises surgirão entre Mauss e Durkheim e quase provocarão a demissão do primeiro, emocionalmente exaurido com as constantes reclamações de seu tio e completamente desmotivado com o trabalho na *L'Année*. Além disso, naquele momento, morre um dos inspiradores de Mauss: O. Hamelin. A crise pela qual Mauss passa entre 1906-1907 o incita a viajar. Ele desaparece de tal maneira que Bouglé chega a se preocupar: “Onde estará nosso grande homem?” (telegrama de Bouglé a Mauss, 24.08.1906, Fundo Hubert-Mauss). Ele está em Berlim: “Enfim consegui lhe escrever para dizer [ilegível] que sinto muito por não ter conseguido lhe encontrar durante sua estadia em Berlim” (carta de Gretingren a Mauss, 1906, Fundo Hubert-Mauss). Simmel leciona em Berlim, onde se tornou quase uma atração turística. Teria Mauss o encontrado? Será que participou de um de seus cursos? Teriam estes lhe interessado de uma maneira ou outra? Impossível saber.

O comportamento ambivalente de Mauss quanto à Durkheim produz o seguinte efeito peculiar: quando nos debruçamos sobre os escritos principais de Simmel e Mauss no mesmo período (1898/1907-1909), o que constatamos? Os temas de pesquisa de Mauss se concentram essencialmente sobre a religião, a magia e a mitologia das tribos australianas, dos indianos e dos esquimós, em

37 Mauss homenageará Marillier em seu artigo “*La théorie de la religion selon Marillier*” (Mauss, t. I, 1968 [1902]).

constante diálogo com as teorias europeias³⁸. No mesmo momento, os escritos de Simmel sobre a religião tomam grande amplitude³⁹. Mauss realiza este trabalho em parte para o livro de Durkheim “As formas elementares da vida religiosa” (1912). Tal proximidade de interesses é quase única neste momento histórico da sociologia, como se Simmel e os durkheimianos dialogassem por intermédio de suas obras. Poderíamos transpor esta situação à relação Simmel-Mauss? Será que Mauss manteve, seja por causa de Durkheim e dos durkheimianos, seja inconscientemente, um diálogo subterrâneo com Simmel?

A ausência de elementos materiais atestando as relações diretas entre Simmel e Mauss não nos autoriza a ir mais longe do que a mera colocação dessas questões, atualmente ainda pouco debatidas. Mas é interessante constatar que Mauss não somente renova, mas leva ao paroxismo uma ambivalência análoga àquela que havíamos constatado entre Durkheim e Simmel. Aparentemente, Mauss conhece Simmel apenas pelo que dele havia dito Durkheim e, provavelmente, pelas traduções francesas de seus artigos mais conhecidos. Desde o início, e durante o resto de sua vida, ele se posicionará contra a abordagem do alemão. Mas as linhas gerais de seu pensamento mostram que Mauss terminou por desenvolver um relativismo próximo ao de Simmel, sendo sua definição do objeto da sociologia a mesma que a defendida por Simmel – tudo isso se intensifica a partir do momento no qual Mauss se distancia teórica e pessoalmente de Durkheim. O processo culmina nos anos 1906-1907.

Mauss e Simmel: o enigma de uma proximidade teórica

Os paralelos biográficos que notamos entre Mauss e Simmel se mantêm enquanto tais: de fato existem, mas não convergem entre si. De outro lado, talvez seja possível recuperar afinidades no nível de suas concepções teóricas gerais. Resta saber se, ao pesquisar os textos de ambos, encontraremos afinidades e se será possível avaliar a profundidade de sua ligação.

38 Mencionemos, quanto a isso: “*Le Rameau d’Or’ de Frazer*” (t. I, 1968 [1902]), “*La notion d’âme en Chine*” (t. II, 1974 [1903]), “*Mythologie et symbolisme indiens*” (t. III, 1969 [1903]), “*Les Eskimo*” (t. III, 1969 [1904]), “*L’origine des pouvoirs magiques dans les sociétés australiennes. Étude analytique et critique de documents ethnographiques*” (t. II, 1974 [1904]), “*Introduction à l’analyse de quelques phénomènes religieux*” (t. I, 1968 [1906]) em colaboração com Hubert, “*L’art et le mythe d’après M. Wundt*” (t. II, 1974 [1908]), e, por fim, “*La prière*” (t. I, 1968 [1909]).

39 Cf., principalmente: “*Zur Soziologie der Religion*” (GSG 5, 1992[1898]), “*Vom Heil der Seele*” (GSG 7, 1995[1902/1903]), “*De la religion du point de vue de la théorie de la connaissance*” (1903), “*Die Gegensätze des Lebens und die Religion*” (GSG 8, 1993[1904/1905]), “*Ein Problem der Religionsphilosophie*” (GSG 8, 1993[1905]), “*Die Religion*” (GSG 10, 1998[1906]), “*Das Christentum und die Kunst*” (GSG 8, 1993[1907]), “*Religiöse Grundgedanken und moderne Wissenschaft. Eine Umfrage*” (1909).

Poderíamos, por exemplo, levar em consideração aquilo que nos parece ser o coração do pensamento de Mauss e de Simmel: respectivamente, o dom e a interação⁴⁰ [*Wechselwirkung*]. Mauss qualifica o dom enquanto fato social total, a saber, o conjunto “completo” de relações sociais por meio das quais circulam as coisas, os homens e as mensagens de maneira particular, posto serem dadas, recebidas e retribuídas. Esta estrutura do dar-receber-retribuir se articula sobre a base de um movimento recíproco, o dom/contradom. A interação, para Simmel, apresenta quase as mesmas propriedades. Trata-se de um movimento de atração e repulsão que constitui a dinâmica de cada relação humana. Tal dinâmica instaura uma circulação generalizada de formas (linguagens, signos etc.), por meio das quais comunicamos o conteúdo daquilo que experimentamos. Formas enquadram coisas, homens ou mensagens e é a sua circulação que produz sociedade. Como podemos observar, as semelhanças são evidentes e valeria a pena aprofundar a reflexão sobre elas⁴¹.

O objetivo deste tipo de estudo não é, evidentemente, conjugar esforços sobre uma “curiosidade”, uma dentre tantas, acerca de duas tradições que desde o início do século decidiram não mais se comunicar diretamente. O exame proposto visa, ao contrário, atualizar as investigações que deram à sociologia europeia seus primeiros delineamentos e suas grandes problemáticas. Com Simmel e Mauss, nós chegamos àquilo que concerne ao estabelecimento da relação humana no interior da interrogação sociológica. O que desenvolvemos até aqui sugere que a questão foi colocada por dois sociólogos marginais, e que ela se tornará, conseqüentemente, uma questão marginal na sociologia; marginalidade que atesta o fracasso europeu em dar à disciplina uma base programática estável, fundamental nos primórdios de uma ciência.

Os críticos da perspectiva apenas esboçada neste artigo poderiam argumentar que a problemática desenhada por Simmel e Mauss teria nutrido enormemente a sociologia interacionista americana; seu caráter marginal, portanto, não poderia ser considerado excessivo. Ao contrário, nossas pesquisas atuais indicam que também no interior da tradição sociológica americana a problemática da relação humana encontrou dificuldades semelhantes. Ela foi, sem dúvida, bastante utilizada nos primeiros anos do Século XX, notadamente em razão da

40 Um dos primeiros ensaios decisivos nesse sentido foi escrito por T. Keller (1999), a propósito de uma conferência em Strasbourg, na ocasião da publicação da tradução francesa, feita por L. Deroche-Gurcel, da *Soziologie* de Simmel: “*La pensée du don de Simmel et Mauss: médiations franco-allemandes*”. Os anais deste colóquio foram publicados pela PUF (*Presse Universitaire Française*).

41 Foi o que nos propomos em nossa tese de doutorado: “*Georg Simmel, Marcel Mauss. Éléments pour une approche sociologique de la relation humaine*” (Université de Lausanne/Université de Paris-X, 2001).

forte dependência institucional dos intelectuais americanos relativamente aos seus pares alemães. De fato, ela será objeto de numerosos debates. Mas estes definirão aos poucos, e a relação humana deixará de ser posta em questão e ganhará o estatuto de evidência inquestionável – segundo a expressão de Alfred Schütz –, um *a priori* sociológico absoluto, justificado em si mesmo. Como na Europa, essa problemática, inicialmente destinada a ocupar o primeiro plano da cena sociológica, será muito rapidamente marginalizada. Por uma espécie de ironia histórica, será pela redescoberta recente dos pais fundadores ditos “originais” da sociologia europeia e americana, isto é, pela reconstrução *a posteriori* de seus *insights* teóricos, estimulada pelo rápido declínio das teorias sociais contemporâneas, que retomamos hoje o fio de um debate subjacente a toda a sociologia que tem por eixo essa problemática – cuja formulação resta inacabada. Justamente porque, para o bem ou para o mal, a relação humana é para onde apontam o conjunto das questões sociológicas fundamentais e também de onde partem muitos estudos empíricos em nossa área, parece-nos evidente que essa problemática representa o desafio atual da sociologia, da qual depende, muito provavelmente, a longevidade da disciplina enquanto domínio da reflexão crítica. A genialidade de Simmel e Mauss reside nesta intuição, que eles nos transmitiram.

Referências:

- ARNOLD, A.; MEISCHNER, W. Wilhelm Wundt. Psychologie und Philosophie im Widerstreit, *Deutsche Zeitschrift für Philosophie*. Berlin, Veb Deutscher Verlag der Wissenschaften, v. 4, 1980, pp. 496-504.
- BESNARD, Ph. Textes inédits ou inconnus d'Émile Durkheim. *Revue française de sociologie*, n. 17, 1976, pp. 165-180.
- _____; FOURNIER, Marcel. (Org.). *Lettres à Marcel Mauss*. Paris, PUF, 1998.
- BOUGLÉ, Célestin. Les sciences sociales en Allemagne: G. Simmel. *Revue de métaphysique et de morale*, Paris, n. 2, 1895, pp. 329-355.
- _____. *Notes d'un étudiant français en Allemagne*. Paris, Calmann-Lévy, 1895.
- _____. SIMMEL, Georg. Il problema della sociologia. *Riforma sociale*, VIe année, fascicule 7. *L'Année sociologique*, 1901, p. 117.
- _____. SIMMEL, Georg. Soziologie. Untersuchungen über die Formen der Vergesellschaftung (Sociologie. Recherches sur les formes de l'association), Leipzig, Dunker et Humblot, 1908, p. 782 in-8e. *L'Année sociologique*, v. XI, 1910, pp. 17-20.
- COSER, Lewis A. *Masters of sociological thought: ideas in historical and social context*. Nova Iorque, Harcourt Brace Jovanovich, 1977.
- DAVY, Georges. *L'Homme, le fait social et le fait politique*. Paris/La Haye, Mouton, 1973.

- DAHME, Heinz-Jürgen; GÜLICH, Ch.; RAMMSTEDT, Otthein. (Projektleitung). *Georg Simmel "Sociale Differenzierung". Theoriebildung im Schnittpunkt von Darwinismus, Kathedersozialismus, Kulturgeschichte, Kantianismus und Völkerpsychologie*. Bielefeld, DFGAbschlussbericht, 1989.
- DURKHEIM, Émile. La Philosophie dans les universités allemandes. *Revue internationale de l'enseignement*, n. 13, 1887, p. 315, note 6.
- _____. La sociologia e il suo dominio scientifico. *Rivista italiana di sociologia*, n. 4, 1900, pp. 127-148.
- _____. SIMMEL, Georg. Philosophie des Geldes (Philosophie de l'argent). Leipzig, Dunker et Humblot, 1900, pp. XVI-554 in – 8°. *L'Année sociologique*, Paris, Alcan, n. 5, 1902, pp. 140-145.
- _____. SIMMEL, Georg. 'Ueber räumliche projectionen socialer Formen' (Les projections spatiales des formes sociales), *Zeitschrift für Socialwissenschaft*, 1903, H 5, pp. 287-302. *L'Année sociologique*, n. 7, 1904, p. 647.
- _____. SIMMEL, Georg. The number of members as determining the sociological form of the Group (Le nombre des membres d'une société comme facteur déterminant de la forme du groupe). *The American Journal of sociology*, VIII, n. 1, pp. 01-46, et n. 2, pp. 158-196. *L'Année sociologique*, n. 7, 1904, pp. 647-649.
- _____. La sociologie et son domaine scientifique. In: _____. *Textes I*. Paris, Minuit, 1975.
- _____. *Textes I*. Paris, Minuit, 1975.
- _____. *De la division du travail social*. Paris, PUF/Quadrige, 1996.
- FOURNIER, Marcel. *Marcel Mauss*. Paris, Fayard, 1994.
- _____. Comme si... *Actes de la recherche en sciences sociales*, n. 116-117, 1997, pp. 105-107.
- FITZI, Gregor. *Henri Bergson und Georg Simmel: ein Dialog zwischen Leben und Krieg. Die persönliche Beziehung und der wissenschaftliche Austausch zweier Intellektuellen im deutsch-französischen Kontext vor dem Ersten Weltkrieg*. Tese de Doutorado, Faculdade de Sociologia, Universidade de Bielefeld, 1999.
- HERTZ, R. The sociology of conflict (La sociologie du conflit). *The American Journal of Sociology*, 1904, IX, n. 4, p. 490, n. 5, p. 672, et n. 6, p. 798. *L'Année sociologique*, n. 8, 1905, pp. 181-182.
- HIEBSCH, Hans. Wilhelm Wundt und die Anfänge der experimentellen Psychologie. Bemerkungen zum Zentenarium der modernen Psychologie. *Deutsche Zeitschrift für Philosophie*. Berlin, Veb Deutscher Verlag der Wissenschaften, v. 4, 1980, p. 489.
- JUNGE, Matthias. Zur Rekonstruktion von Simmels soziologischen Aprioris als Interpretationskonstrukten – ein Versuch. *Simmel Newsletter*, v. 7, n. 1, 1997, pp. 42-48.
- KARADY, Victor. Stratégies de réussite et modes de faire-valoir de la sociologie chez les durkheimiens. *Revue française de sociologie*, n. 20, 1979, pp. 49-82.

- KELLER, Thomas. *La pensée du don de Simmel et Mauss: médiations francoallemandes*. Paris, PUF, 1999.
- LICHTBLAU, Klaus. *George Simmel*. Frankfurt, Nova Iorque, Reihe Campus, 1997.
- LUKÁCS, György. *Die Zerstörung der Vernunft, Neuwied*. Luchterhand, 1962.
- MORLAND, Enquête sur l'influence allemande (suite) : II. Sociologie et économie politique; III. Sciences; IV. Art militaire; V. Beaux-Arts. *Mercure de France*, Paris, Blais et Roy, n. 156, 1969 [1902], p. 647.
- KÖHNKE, Klaus Christian. *Der junge Simmel in Theoriebeziehungen und sozialen Bewegungen*. Frankfurt, Suhrkamp, 1996.
- MAUSS, Marcel. *L'action socialiste*. Paris, EP, 1899.
- _____. A. Vierkandt. – Wechselwirkungen beim Ursprung von Zauberbräuchen. *Archiv für die Gesamte Psychologie*, 1903, II, pp. 81-93. *L'Année sociologique*, n. 8, 1905, pp. 318-319.
- _____. *Manuel d'ethnographie*. Paris, Payot, [1947] 1967.
- _____. *Sociologie et Anthropologie*. Paris, Quadrige, [1959] 1999.
- _____. *Œuvres. 1. Les fonctions sociales du sacré*. Paris, Minuit, 1968.
- _____. *Œuvres. 3. Cohésion sociale et divisions de la sociologie*. Paris, Minuit, 1969.
- _____. *Œuvres. 2. Représentations collectives et diversité des civilisations*. Paris, Minuit, 1974.
- _____. L'œuvre de Mauss par lui-même. *Revue européenne des sciences sociales*. t. XXXIV, n. 105, 1996, pp. 225-236; inicialmente publicado na *Revue française de sociologie*, 1979, n. 20, pp. 209-220.
- _____. *Écrits politiques*. Fournier M. (Org.). Paris, Fayard, 1997.
- _____. Théorie de la liberté ou de l'action. Commentaire du Ve livre de l'Éthique de Spinoza. *Revue du MAUSS semestrielle*, n. 16, 2000, pp. 419-428.
- LEPENIES, Wolf. *Die drei Kulturen. Soziologie zwischen Literatur und Wissenschaft*. Hambourg, Rowohlt, 1988.
- _____. *Gefährliche Wahlverwandschaften. Essays zur Wissenschaftsgeschichte*. Stuttgart, Reclam, 1989.
- PAPILLOUD, Christian. Simmel, Durkheim, Mauss. La sociologie entre l'Allemagne et la France. Fragments d'une co-naissance. *Simmel Newsletter*, v. 9, n. 2, 1999, pp. 111-131.
- _____. *George Simmel, Marcel Mauss. Éléments pour une approche sociologique de la relation humaine*. Tese de Doutorado. Université de Lausanne/université de Paris-X, 2001.
- RAMMSTEDT, Otthein. Les relations entre Durkheim et Simmel dans le contexte de l'affaire Dreyfus. *L'Année sociologique*, Paris, PUF, v. 48, n. 1, 1998, p. 142.
- _____. *Zur Ästhetik Simmels. Die Argumentation in der "Jugend" 1897-1906*. Tese de

- Doutorado. Faculté de sociologie, Université de Bielefeld, 1988.
- SIMMEL, G. Das Problem der Sociologie. *Jahrbuch für Gesetzgebung, Verwaltung und Volkswirtschaft im Deutschen Reich*, XVIII, 4, 1894a, pp. 271-277.
- _____. Karl Grünberg: Die Bauernbefreiung in Böhmen, Mähren und Schlesien. Leipzig 1894, 2 vol. In – 8. *Revue internationale de sociologie*. Paris, n. 7-8, jul./ago. 1894b, pp. 583-584.
- _____. La différenciation sociale. *Revue internationale de sociologie*. Traduzido do alemão por René Worms. Paris: Giard et Brière, t. II, n° 2, 1894c, pp. 198-213.
- _____. Le problème de la sociologie. *Revue de métaphysique et de morale*. Traduzido do alemão por C. Bouglé. Paris, t. II, n. 5, 1894d, pp. 497-504.
- _____. Influence du nombre des unités sociales sur les caractères des sociétés. *Annales de l'Institut international de sociologie*. Traduzido do alemão por C. Bouglé. Paris, t. I, 1894/95, pp. 373-385.
- _____. The problem of sociology. *Annals of the American Academy of Political and Social Science*, t. VI, 1895, pp. 52-63.
- _____. Sur quelques relations de la pensée théorique avec les intérêts pratiques. *Revue de métaphysique et de morale*. Traduzido do alemão por C. Bouglé. Paris, t. IV, n. 2, 1896, pp. 160-178.
- _____. Comment les formes sociales se maintiennent. *L'Année sociologique*. Traduzido do alemão por É. Durkheim et C. Bouglé. Paris, 1898a, pp. 71-107.
- _____. Selbsterhaltung der sozialen Gruppe. Soziologische Studie. *Jahrbuch für Gesetzgebung, Verwaltung und Volkswirtschaft im Deutschen Reich*. n. 22, 1898b, pp. 589-640.
- _____. De la religion au point de vue de la théorie de la connaissance. *Premier Congrès international de philosophie*. T. II. Morale générale. Paris, Armand Colin, 1903, pp. 319-337.
- _____. Enquête sur la sociologie. *Les Documents du Progrès. Revue internationale*. Paris, Alcan, 1908, pp. 135-136.
- _____. Quelques considérations sur la philosophie de l'histoire. "Scientia", *Rivista di Scienza*. Traduzido do alemão por G. H., Milan. Londres, Bologne, Paris, Leipzig. Vol. VI, 3e année, n. XII-4, 1909, pp. 212-218.
- _____. *Mélanges de philosophie relativiste. Contribution à la culture philosophique*. Traduzido do alemão por A. Guillain. Paris, Alcan, 1912.
- _____. *Sociologie et Épistémologie*. Introduzido e traduzido do alemão por J. Freund. Paris, PUF, 1981.
- _____. *Problème de la philosophie de l'histoire*. Introduzido e traduzido do alemão por R. Boudon. Paris, PUF, 1984.
- _____. *Kant. Die Probleme der Geschichtsphilosophie (Zweite Fassung 1905/1907)*, GSG 9.

- Oakes G., Röttgers K. (Org.), Frankfurt, Suhrkamp, 1987a.
- _____. *Philosophie de l'argent*. Traduzido do alemão por S. Cornille et P. Ivernel. Paris, PUF, 1987b.
- _____. *Philosophie et Société*. Traduzido do alemão e apresentado por J.-L. Veillard-Baron. Paris, Vrin, 1987c.
- _____. *La Tragédie de la culture et autres essais*. Traduzido do alemão por S. Cornille et P. Ivernel. Paris, Petite Bibliothèque Rivages, 1988a.
- _____. *Philosophie de la modernité : la femme, la ville, l'individualisme*. Introduzido e traduzido do alemão por J.-L. Veillard-Baron. Paris, Payot, 1988b.
- _____. *Aufsätze 1887-1890. Über soziale Differenzierung (1890). Die Probleme der Geschichtsphilosophie (1892)*, GSG 2. Dahme H.-J., Rammstedt, O. (Org.), Frankfurt, Suhrkamp, 1989a.
- _____. *Einleitung in die Moralwissenschaft, I (1892/1904)*, GSG 3. Köhnke K. Ch., RAMMSTEDT O. (Org.), Frankfurt, Suhrkamp, 1989b.
- _____. *Einleitung in die Moralwissenschaft, II (1893)*, GSG 4. In: Köhnke K. Ch., Rammstedt O. (Org.), Frankfurt, Suhrkamp, 1989c.
- _____. *Philosophie de la modernité. 2. Esthétique et modernité, conflit et modernité, testament philosophique*. Introduzido e traduzido do alemão por J.-L. Veillard-Baron. Paris, Payot, 1990.
- _____. *Secret et sociétés secrètes*. Traduzido do alemão por S. Muller. Strasbourg, Circé, 1991.
- _____. *Aufsätze und Abhandlungen 1894-1900*, GSG 5. Dahme H.-J., Frisby D. P., Rammstedt O. (Org.), Frankfurt, Suhrkamp, 1992a.
- _____. *Soziologie (1908)*, GSG 11. Köhnke K. Ch., Rammstedt O. (Org.), Frankfurt, Suhrkamp, 1992b.
- _____. *Aufsätze und Abhandlungen 1901-1908, II*, GSG 8. Cavalli A., Krech V., Rammstedt O. (Org.), Frankfurt, Suhrkamp, 1993.
- _____. *Rembrandt*. Traduzido do alemão por S. Muller. Strasbourg, Circé, 1994.
- _____. *Aufsätze und Abhandlungen 1901-1908, I*, GSG 7. Kramme R., Rammstedt A., Rammstedt O. (Org.), Frankfurt, Suhrkamp, 1995a.
- _____. *Le Conflit*. Traduzido do alemão por S. Muller. Strasbourg, Circé, 1995b.
- _____. *Philosophie des Geldes (1900/1907)*, GSG 6. Frisby D. P., Köhnke K. Ch., RAMMSTEDT O. (Org.). Frankfurt, Suhrkamp, 1996a.
- _____. *Hauptprobleme der Philosophie. Philosophische Kultur*, GSG 14. Kramme R., Rammstedt O. (Org.), Frankfurt, Suhrkamp, 1996b.
- _____. *Grundfragen der Soziologie (1917). Der Krieg und die geistigen Entscheidungen (1917). Der Konflikt der modernen Kultur (1918). Vom Wesen des historischen Verstehens (1918). Lebensanschauung (1918)*, GSG 16. Fitz G., Rammstedt O. (Orgs.),

- Frankfurt, Suhrkamp, 1998a.
- _____. *La Religion*. Traduzido do alemão por P. Ivernel. Strasbourg, Circé, 1998b.
- _____. *Les Pauvres*. Traduzido do alemão por B. Chokran. Paris, Quadrige/PUF, 1998c.
- _____. *Philosophie der Mode (1905). Die Religion (1906/1912). Kant und Goethe (1906/1916). Schopenhauer und Nietzsche (1907)*, GSG 10. Behr M., Krech V.; Schmidt G., Rammstedt O. (Org.). Frankfurt, Suhrkamp, 1998d.
- _____. *Sociologie: Étude sur les formes de la socialisation*. Traduzido do alemão por L. Deroche-Gurcel et S. Muller. Paris, PUF, 1999.
- _____. *Das Wesen der Materie (1881). Abhandlungen 1882-1884. Rezensionen 1883-1901*, GSG 1. Köhnke K. Ch., Rammstedt O. (Org.). Frankfurt, Suhrkamp, 2000.
- _____. *Aufsätze und Abhandlungen 1909-1918, I*, GSG 12. Kramme R.; Rammstedt A.; Rammstedt O. (Orgs.). Frankfurt, Suhrkamp, 2001a.
- _____. *Aufsätze und Abhandlungen 1909-1918, II*, GSG 13. Kramme R.; Rammstedt A.; Rammstedt O. (Orgs.). Frankfurt: Suhrkamp, 2001b.
- _____. *La Philosophie du comédien, précédé de Denis Guénoun, Du paradoxe au PROBLÈME*. Traduzido do alemão por S. Muller. Belfort, Circé, 2001c.
- _____. *Französisch- und italienischsprachige Veröffentlichungen. Aufsätze und ABHANDLUNGEN. Mélanges de philosophie relativiste*, GSG 19. Papilloud C., Rammstedt A., Rammstedt O., Watier P. (Orgs.). Frankfurt, Suhrkamp, 2002.
- SIMMEL, H. *Erinnerungen (1941-1943)*. Manuscrito. Faculdade de Sociologia da Universidade de Bielefeld.
- STEINTHAL, Heymann. *Begriff der Völkerpsychologie. Zeitschrift für Völkerpsychologie und Sprachwissenschaft*. Leipzig, Wilhelm Friedrich, M. Lazarus et H. Steintal (Org.), 1887, pp. 233-264.
- THURNWALD, Richard. *Probleme der Völkerpsychologie und Soziologie. Zeitschrift für Völkerpsychologie und Soziologie*. Leipzig, C. L. Hirschfeld, R. Thurnwald, 1925, pp. 01-20.
- _____. *Die Probleme einer empirischen Soziologie. Zeitschrift für Völkerpsychologie und Soziologie*. Leipzig, C. L. Hirschfeld, R. Thurnwald, 1927, pp. 252-253.

Recebido em: 29/07/2021

Aprovado em: 06/09/2021

Como citar este artigo:

PAPILLOUD, Christian. Simmel, Durkheim e Mauss: nascimento frustrado da sociologia europeia. . *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, v. 11, n. 3, set. - dez. 2021, pp. 989-1023

